

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

**SALA DE JAULA:
das violências e violações escolares**

Carolina Viana da Silva

**PORTO ALEGRE
2017**

Carolina Viana da Silva

SALA DE JAULA: das violências e violações escolares

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como pré-requisito para a conclusão do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador(a): Prof^aDr^a Paola Zordan

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Carolina Viana da
Sala de jaula: das violências e violações
escolares / Carolina Viana da Silva. -- 2017.
95 f.
Orientadora: Paola Zordan.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-
RS, 2017.

1. Educação. 2. Violência. 3. Escola. I. Zordan,
Paola, orient. II. Título.

RESUMO

O presente trabalho trata das violências e violações ocorridas dentro das instituições de ensino. Nas escolas, assim como nas relações que neste meio institucional acontecem, trago casos escritos de forma breve, a fim de mostrar como sofrem todos os envolvidos. Pensar estas situações seja, talvez, conseguir transportar a carga subjetiva que existe nestes espaços e transformá-la em uma poética que nasça e se “confunda” no próprio fazer/ser professor/aluno. A pesquisa se deu na leitura de autores e artistas que de alguma forma usam ou usaram as temáticas relacionadas às relações sociais que ocorrem e se estabelecem nas instituições de ensino, além de experimentações e provocações estéticas e discursivas, realizadas ao longo do processo do trabalho, para se encontrar a melhor forma de transpor todas estas questões para os fins poéticos no qual a obra se materializa. O texto *Vigiar e Punir* (1975), de Michel Foucault foi a base para se pensar e refletir sobre as relações violentas que se legitimam nestes espaços, assim como artistas que, direta ou indiretamente, tratam das questões ligadas às instituições escolares, como é o caso de Paulo Meira no trabalho *Crânio de Giz* (2003), ou se utilizam dos materiais encontrados nelas, como é o caso de Anna Bella Geiger, Joseph Beuys, Gustavo Sperdião e Cinthia Marcelli. O trabalho se desdobrou em diferentes suportes, até se concretizar na instalação *Sala de Jaula*. O processo envolveu intervenções ou “violações” em documentos provenientes da escola até chegar em uma poética que articula objetos e texto, usando a escrita de casos e móveis escolares, os quais apresentam esteticamente a violência institucionalizada tratada neste trabalho.

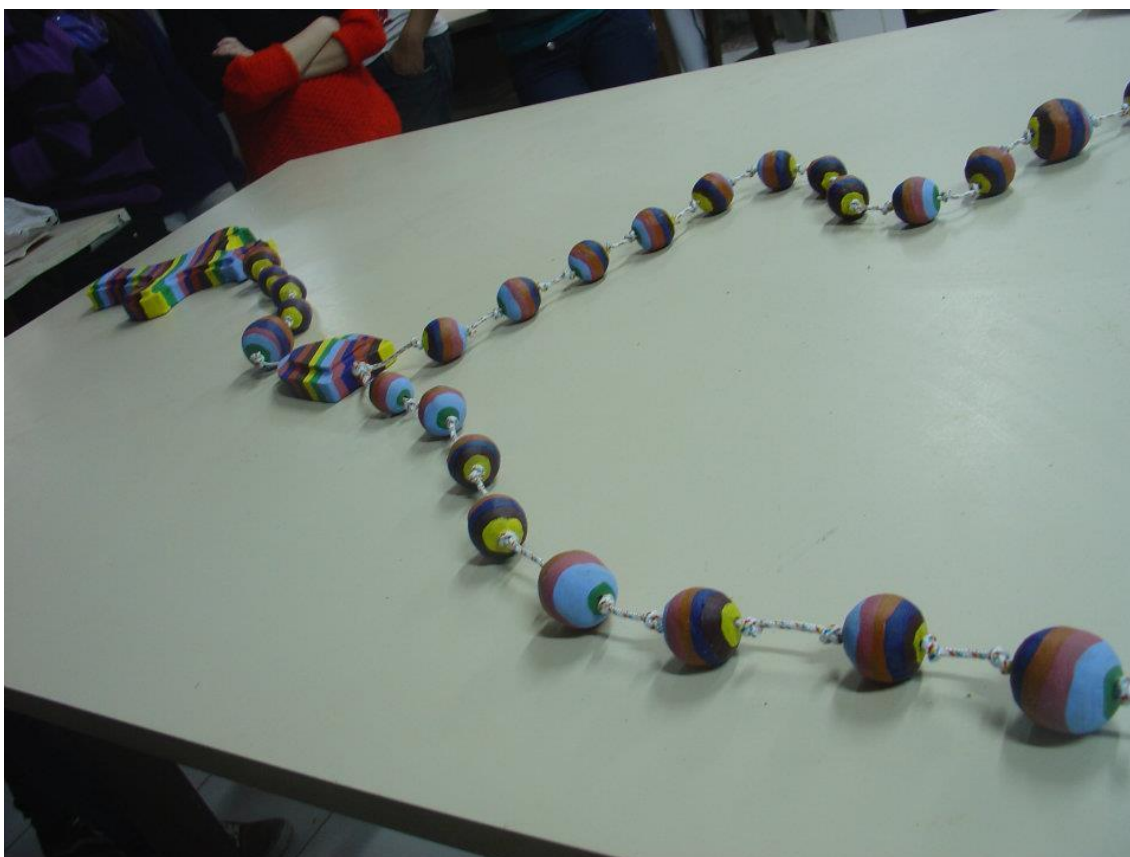
Palavras-chaves: Escola, Violência, Violação, Educação.

Sumário

1) Imagens de Trabalhos: Antigas Produções.....	4
2) Primeiro Período: Introdução.....	10
3) Segundo Período:Trajetória discente/docente.....	13
4) Terceiro Período: Casos escolares.....	16
5) Quarto Período: Problematização.....	74
6) Conteúdo Programático: Referências artísticas.....	76
7) Planejamento Trimestral: Processo.....	80
8) Referências.....	94

1. Imagens de Trabalhos: Antigas Produções.

Antes de elaborar o presente trabalho, cuja poética está diretamente ligada a meu cotidiano como professora, na minha experiência e convívio com colegas de trabalho e nas minhas vivências também como aluna, tive a oportunidade de, no curso de Artes Visuais, experimentar diferentes temáticas e suportes nas minhas produções. No início do curso houve uma disponibilidade e uma afinidade maior nos materiais tridimensionais, principalmente na cerâmica, mas não tive a oportunidade de explorar tão significativamente uma temática específica neste suporte, porém os trabalhos que foram executados iam de encontro às questões ligadas aos rituais e símbolos religiosos. O trabalho abaixo foi realizado na primeira disciplina de cerâmica, em 2012, e trata-se de um terço católico de cerâmica, pintado com tinta acrílica de diferentes cores.



Sem título (2012)

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Após este trabalho, em 2013, iniciei um projeto em cerâmica, que não foi finalizado, bastante ligado às questões ritualísticas, onde eram modelados

vasos, de diferentes tamanhos e formas, nos quais eram realizadas aberturas em suas laterais que abrigariam ossos de animais, cinzas e velas.



Sem título (2013)

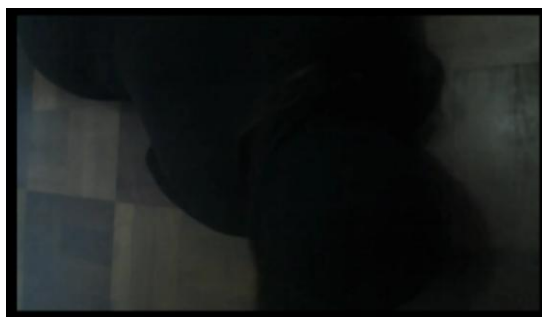
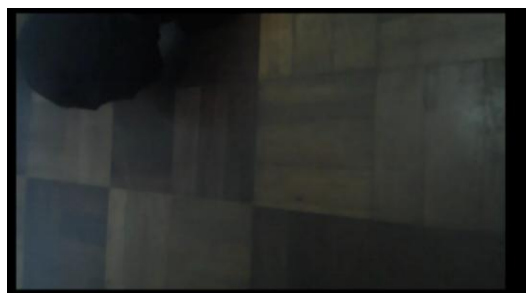
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em 2014 comecei a trabalhar como professora no Estado e tive que adaptar minha vida acadêmica à carga horária das escolas, portanto passei a cursar as cadeiras a partir de minha oportunidade de horários e não mais a partir de minhas afinidades. Isso me proporcionou uma maior experimentação em outros materiais, mídias e temáticas, ao mesmo tempo que me afastou do trabalho de ateliê, e foi neste contexto que realizei alguns projetos em vídeo e fotografia.

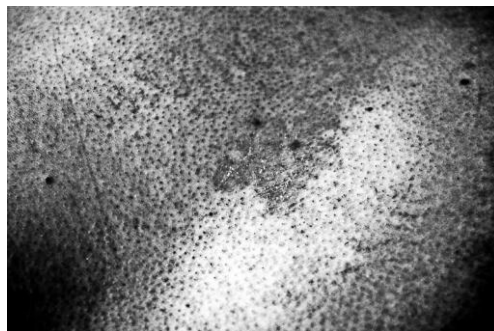


Sem título (2014)

Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Sem título (2013) - vídeo.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Fronteira (2013)
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Os trabalhos realizados em vídeo e foto se debruçaram sobre, e principalmente, nas superfícies corporais e seus movimentos.

Acredito que meu percurso artístico diz muito a respeito das diferentes fases em que eu realizei cada trabalho. No início, observo uma experimentação e um descobrir do “fazer algo com as próprias mãos” por meio do material, talvez, mais substancial deste processo que é a argila. Os rituais indígenas e de povos originários do mundo todo, assim como os utilitários usados até hoje, cruzam o caminho do modelar, do realizar e do transformar envolvido no processo da cerâmica. Mais tarde a fotografia e o vídeo surgem como uma oportunidade de realizar e experimentar processos artísticos mais dinâmicos e mais imediatos, condizentes com o contexto em que minha vida profissional e acadêmica se encontrava. Na fotografia e no vídeo tive a oportunidade de continuar me expressando artisticamente mesmo não tendo a disponibilidade de frequentar um ateliê como no início do curso. Os temas dos trabalhos passaram a ser mais introspectivos; o corpo, a cicatriz, a pele, a nudez, o detalhe: ambientes e imagens que estavam disponíveis a mim a todo momento, pronto para serem explorados e descobertos, assim como eu ia me descobrindo como professora, como adulta, como trabalhadora, como esposa, como mulher, etc.

Meu projeto de obra para o trabalho de conclusão de curso, todavia, se direcionou para outras mídias e outros suportes, diferentes dos trabalhos até então realizados. Por conseguinte, tento realizar relações e conexões com o meu “eu” criador dos anos de 2012 a 2017 e concluo que, talvez, esta obra “final” se comporte como uma aliança entre os diferentes fazeres e pensares artísticos de minha trajetória, e uma real tentativa de convergir a vida cotidiana no fazer artístico; há momentos em que me debrucei nas macro-relações e situações sociais universais e cotidianas (a religião, o ritual, os símbolos), há momentos em que me debruço sobre mim mesma a partir do meu corpo e como esse corpo é suporte poético, para posteriormente me debruçar, como neste trabalho, nas relações sociais e políticas envolvidas nas instituições escolares (mais uma vez as macro-relações universais e cotidianas), e como a professora/artista e o meu aluna/professora vivencia estes processos.

2. Primeiro Período - Introdução

A presente produção possui como objetivo explorar poeticamente os assuntos a cerca das violências cotidianas vividas nas Instituições Escolares. Tais violências são naturalizadas pelos indivíduos envolvidos nos processos educacionais, e se manifestam diariamente no cotidiano de centenas de estudantes e professores. Esta naturalização da violência, muitas vezes, transcende a consciência individual e coletiva, e se estabelece quase inerentemente às instituições envolvidas nos processos de escolarização. A violência, talvez, só seja identificada pela reação que tais atos violentos geram nestes indivíduos, gerando, assim, uma reação em cadeia em que o agressor justifica sua agressão como uma forma de defesa ao que ele julga como agente causador de tal agressividade: geralmente, o aluno. Tais violências se manifestam de forma explícita, que é o caso da violência física praticada pelos alunos entre si e em si mesmos, e as violências implícitas, praticadas também por esses indivíduos, mas majoritariamente, pelos funcionários vinculados a estas instituições; são práticas observadas entre professor-aluno, aluno-professor, direção/coordenação-professor, professor-professor.

Esta produção poética, então, se propõe, a problematizar tais situações a partir do “chão da escola”. O que a escola produz (tanto imagética quanto narrativamente) servirá como matéria e condensadora desta violência. A forma como a instituição Escola se organiza, as formas como se trabalha o conhecimento/conteúdo, as maneiras como este conhecimento é registrado, como são estabelecidas as comunicações institucionais, como são estabelecidas as relações sociais e hierárquicas na instituição, como estas relações se estruturam por meios violentos, como a escola comunica propositalmente e indiretamente, o que esta comunicação (ou falta dela) gera e legitima, serão o mote nesta criação. As produções poéticas desta pesquisa, portanto, serão todas relacionadas ao imaginário que existe ao redor desta instituição. Os assuntos, as situações-problema e os registros serão ecoados por meio dos materiais e objetos que a própria instituição elege como suporte para o desenvolvimento do seu trabalho, com uma apropriação dos discursos que ela produz. A opção de utilizar estes materiais (documentos, folhas de chamadas, emails institucionais, móveis, etc) se dá justamente pela relação

que se pode estabelecer com eles e o que emana de violência por meio da inerência destes “detalhes” e nos próprios “detalhes” destas instituições (estrutura física, dinâmicas e rotinas escolares, atividades, trabalhos, organização dos móveis e objetos, etc). As entrelinhas, os entreditos e os entrevistados que formarão a “colcha de retalhos”; a composição pelo fragmento; a construção por meio dos micro acontecimentos e micro registros.

A relação professora-aluna-artista é, talvez, o que fomenta a subjetividade do objeto a ser estudado com a técnica utilizada para compor a própria obra. Do objeto ritual, ao corpo, a subjetivação professora/aluna/artista, o processo se estabeleceu como um caminho traçado pelo próprio percurso, onde as diferentes técnicas, estéticas e experiências foram se tornando necessárias à medida que essa necessidade de explorar tais objetos e resultados surgiu. O trabalho, inicialmente, procurou se apropriar dos documentos escolares por meio dos estudos das técnicas de apropriação, *bricolage*, *assemblage* e do *cut-up* e, posteriormente, da instalação artística. Esta instalação se utilizou, portanto, de casos vividos nas instituições escolares confeccionando uma ambiência composta com a violência presente no mobiliário escolar, articulando estes a diferentes relatos, resgatados das experiências pessoais da artista como aluna e professora. Esta experiência é vivenciada de forma textual por meio da construção da narrativa do outro e de si próprio: relatos, histórias e situações vividas e compartilhadas pelo outro também se inserem na produção como matéria prima: a narrativa dos acontecimentos vividos, presenciados ou compartilhados comigo fazem parte da poética da obra.

A discussão política presente neste tema também servirá como pano de fundo da construção deste inventário de casos e elementos retirados da vida escolar, sendo utilizados, principalmente, os pensamentos de Michel Foucault acerca dos mecanismos de poder e submissão inseridos nas instituições educacionais, e as semelhanças das escolas com as instituições carcerárias.

Portanto, como já foi aqui mencionado, ocorreu ao longo de minha trajetória uma transição entre o trabalho com temáticas ligadas às questões

relacionadas ao ritual e ao sagrado, passando para uma atenção aos assuntos ligados ao corpo, o seu movimento, a superfície, a pele e as “fronteiras” que atingem estes conceitos. Após minha transição para o mercado de trabalho e minha (re)descoberta profissional, este corpo chega na Escola, deixando de ser superfície de experimentação, para ser ele o objeto da produção e pensamento poético da obra, expressos nos casos e nas violações sofridas (e cometidas) por mim, em uma vida quase incorporal de professora/artista/aluna.

3. Segundo período: Trajetória discente/docente

A escolha das temáticas propostas nesta criação ocorreu por um desejo e interesse por tentar incorporar vivências e experiências cotidianas, tentando criar uma poética a partir destes processos e, de alguma forma, resignificar tais experiências por meio das relações envolvidas neste movimento. O que chamo, neste trabalho de “casos”, portanto, transcorrem entre o que vivi como aluna e como educadora.

Minha história como professora inicia quando cursei Letras, iniciando o curso em 2008. No mesmo ano iniciei um estágio na Prefeitura de Porto Alegre, no qual ministrava aulas de Literatura para os funcionários municipais que quisessem concluir os estudos. As dificuldades, carências estruturais e educacionais, e todas as questões referentes à docência já começaram a se manifestar para mim logo nesta minha primeira vivência como educadora, e naqueles dois anos de estágio em sala de aula, já pude vivenciar a complexa e paradoxal experiência da sala de aula.

Na metade do curso de Letras estava convencida de que não seguiria na carreira do magistério, e já iniciei uma reflexão sobre outras possibilidades profissionais. Foi quando ingressei no curso de Bacharelado em Artes Visuais, em 2012, buscando unir um gosto recorrente pelas Artes desde a infância, com uma necessidade e disponibilidade em me experimentar, sem grandes ambições profissionais ou financeiras, em um novo percurso acadêmico, em uma nova área de conhecimento, com processos de aprendizagem distintos dos quais eu já estava acostumada e condicionada. De alguma forma, “me encontrei” nesta nova experiência, e passei a me descobrir dentro do fazer e pensar artístico. Passei a me dedicar mais às disciplinas de cerâmica, gravura e fotografia, áreas com as quais tive mais identificação e afinidade, e entre 2014 e 2015, comecei a participar de pequenas exposições coletivas e me envolver com projetos artísticos dentro da universidade.

Em 2014, recebi a proposta de trabalhar como professora contratada do Estado, e em uma fase em que eu já buscava certa independência financeira, resolvi me abrir para esta alternativa, inicialmente, de maneira temporária. Sabendo que eu cursava Artes Visuais, a direção da escola que comecei a

trabalhar me convidou para ministrar as aulas desta disciplina, e foi quando passei a me (re)descobrir como professora.

O envolvimento com o trabalho, que antes era enfaticamente definido como temporário, passou a ocupar boa parte do meu tempo, e o curso de Artes Visuais, por consequência, cada vez mais foi assumindo um papel secundário em minha rotina. Em detrimento dos horários, não houve mais a possibilidade de se cursar somente as cadeiras que me interessavam, e sim as que “fechavam o horário”, mas, por outro lado, me dispus a experimentar-me em outras áreas dentro do curso. Por conta do tempo, minhas atividades artísticas fora da universidade (infelizmente), tiveram uma pausa quando passei a me dedicar mais à docência, o que por um lado é justificado por uma real identificação e dedicação a algo que atualmente é meu trabalho e me satisfaz, na maioria do tempo, mas que também me causa certo saudosismo e culpa por ter abandonado essas atividades que (também) me faziam feliz. No meio deste processo avalei a possibilidade de trocar para a Licenciatura, porém o tempo de curso aumentaria significativamente, sendo mais interessante, naquele momento, que eu concluísse primeiro o Bacharelado.

Atualmente, atuo em duas escolas particulares, em uma delas como professora de Espanhol e Arte, e na outra “somente” como professora de Arte, e avalio que ainda são processos, descobertas e aprendizagens constantes como docente nesta área, algumas vezes dolorosas e outras prazerosas: dolorosas pela dureza da realidade das instituições educacionais e das relações que se estabelecem dentro dela, e prazerosas pelas relações e vínculos estabelecidos com os alunos no acompanhamento de suas descobertas e seus processos de aprendizagem.

Resgatar o pensamento artístico e projetar minha sensibilidade para reunir elementos constitutivos deste trabalho tem sido uma experiência bastante interessante e praticamente constante, em detrimento da minha inserção diária no ambiente escolhido para recolher estes elementos. A poética, neste trabalho de conclusão de curso, portanto, se debruça muito mais nos aspectos negativos que envolvem estes processos - talvez como uma

forma de ressignificá-los - e no pensar sobre minha relação com as instituições de ensino, tanto como discente, quanto como docente.

4. Terceiro Período: Casos Escolares e Intervenções

Neste trecho do texto estão compilados os casos escolares, inicialmente utilizados de inspiração e posteriormente como protagonistas na obra, e as intervenções realizadas nos documentos, folhas de tarefas escolares e outros do gênero – inicialmente pensadas como protagonistas no trabalho e depois “retiradas” dele. Esta mudança ocorre por uma necessidade de se estruturar o trabalho de modo a dar mais espaço para os casos escolares, e também pensar em uma obra mais forte estética e poeticamente. A opção de intercalar os casos com estas intervenções se deu, por conseguinte, de modo a transmitir a ideia estrutural da obra: as violências e as violações. Os casos se comportam como as violências sofridas por mim e por outros nestas instituições, as violações nestes documentos são a resposta que dei a estas violências. Achei necessário que, mesmo as intervenções não fazendo parte do produto final da obra, elas fossem inseridas no texto como forma de constituir e ilustrar meu processo poético, e por esta razão estão aqui inseridas. Os materiais utilizados foram os documentos escolares originais interferidos com diferentes materiais escolares (giz de cera, caneta hidrocor, caneta esferográfica, recortes e colagens) com a preocupação de sempre demonstrar ou denunciar as violências cotidianas das instituições de ensino.

O caso da creche

Carolina, como a maioria das crianças, teve sua iniciação de vida escolar na creche. Sua avó trabalhava na mesma creche que Carolina frequentava, mas na ala do berçário. Carolina, não gostava da creche, e nos deslocamentos pelos espaços da escola, se colocava sempre nos últimos lugares da fila para poder “escapar”, e ficar junto de sua vó. A avó era o mais próximo que Carolina podia chegar de sua casa.

Nome: _____ Turma: _____ Data: _____

Componente: Arte

Leia com atenção e responda:

O Gosto Como um Fato Social

"A SOCIEDADE E CADA MEIO SOCIAL PARTICULAR DETERMINAM O IDEAL QUE A EDUCAÇÃO REALIZA."

"A EDUCAÇÃO É UMA SOCIALIZAÇÃO DA JOVEM GERAÇÃO PELA GERAÇÃO ADULTA."

Professora: Carolina



"A REJEIÇÃO NÃO É SOMENTE UM SISTEMA DE IDEIAS, ELA É ANTES DE TODO UM SISTEMA DE FORÇAS"

...o contexto social, por isso determinado, também é possível pensar que há um bem comum a um fato social. Um coletivo da sociedade, proposto por Emile Durkheim, são os fatos sociais. Segundo ele, os fatos sociais são imposições que a sociedade faz aos indivíduos e que os obrigam a seguir. São os fatos sociais que fornecem o objeto de estudo específico da Sociologia e são caracterizados pela generalidade, fatos comuns aos indivíduos de determinada sociedade; exterioridade, exteriores ao indivíduo, pois eles dependem dele; e coercitividade, obrigam no ato desse ou daquela maneira. O gosto surge a partir de hábitos, de valores e atitudes que são continuamente aceitos. Ele passa a vigorar e os fatos se dão a seguir seguidos por todos. Mesmo que possam provocar reações distintas por parte daqueles que representam, defendem as normas tradicionais, as alterações desses padrões são inevitáveis. Como tempo das mudanças de hábitos, as novas perspectivas e possibilidades acabam por introduzir novos padrões a serem seguidos. Isso faz com que os padrões de gosto são construídos social e culturalmente. As roupas que as mulheres usavam no Brasil não seriam consideradas bonitas ou até moralmente aceitas em países como a Índia ou o Egito. As saias e o pescoço que as mulheres usam em algumas tradições africanas não são aceitos para embelezar seus corpos, não seriam aceitas da mesma forma aqui. Entretanto, não se pode falar em outros padrões de beleza como melhores ou piores do que o nosso. Os padrões culturais, portanto, não são estáticos. Não é tudo aquilo que era moda nos anos 40 e aceito mais hoje em dia. Nesse sentido é interessante notar que embora haja essa determinação histórica do gosto, isso é, que ele marca um determinado momento, percebe-se que ele também muda conforme a época. Não é raro, em geral, mesmo por exemplo, voltar de tempos em tempos. Ou ainda, que padrões de uma cultura, mesmo que sejam do passado, possam ser reutilizados em outras épocas. Muitos traços dos padrões antigos não são completamente esquecidos no passado. Muitos permanecem presentes e servem, inclusive, como inspiração para a renovação de padrões atuais. Por mais que esses padrões de moda, de beleza e de gosto sejam culturalmente determinados e historicamente importantes, fica a questão se poderíamos achar um caminho para alguma unidade de juízos de gosto.

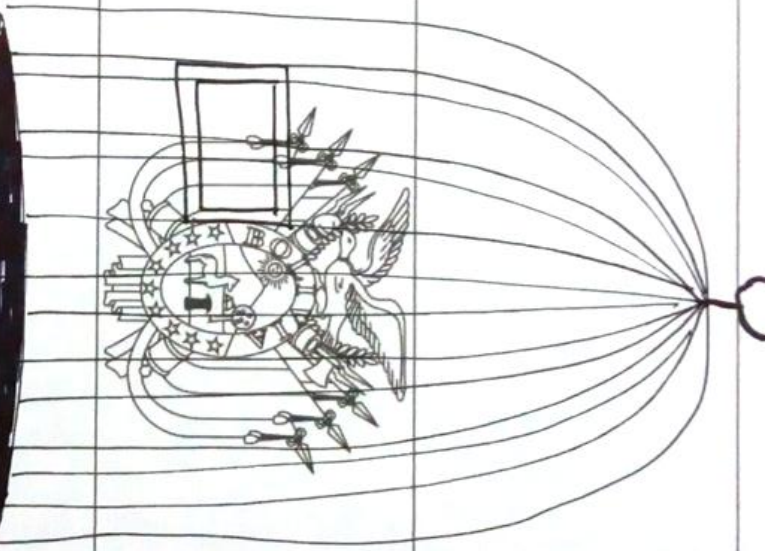

Disponível em: <http://www.educadores.dia.br/arquivo/le/le/ro/didat/mosoc3.pdf>

Responda as questões a seguir.

1. O que determina as mudanças de gostos?
2. Os padrões de beleza, além de estarem relacionados aos interesses econômicos, estão igualmente ligados aos interesses políticos? De que forma?

O caso da creche II

A mãe de Carolina um dia foi buscá-la na creche, e notou que uma das crianças estava machucada, e com o braço engessado. Preocupada, no caminho de volta para casa, a mãe de Carolina perguntou para ela se ela sabia o que havia acontecido com sua colega. Carolina respondeu que ela havia empurrado sua colega da escada, por isso ela estava machucada. A mãe de Carolina ficou chocada, voltou correndo na creche para perguntar se isso havia mesmo acontecido. As monitoras da creche riram e tranquilizaram a mãe de Carolina quando ela lhes relatou o que aconteceu, dizendo que a menina havia se machucado em casa, e que Carolina estava inventando aquela história.

HA		ESCOLAS
QUE		SÃO
O		PAULISTAS

O caso das calças de moletom

Na educação infantil, Carolina começou a edificar o seu pavor da Escola. Havia uma prática dos meninos de sua turma de “baixar” as calças dos colegas quando estes estavam distraídos, uma forma de brincadeira/bullying. Os uniformes eram compostos por uma calça de moletom azul marinho de elástico na cintura, o que facilitava este movimento. Carolina estava sempre tensa por conta disso, pois tinha muito medo e vergonha de que isso acontecesse com ela. Nos horários das brincadeiras no pátio, na fila ou em qualquer situação em que estivesse em pé, ela ficava tensa, preocupada e não conseguia relaxar. Até que um dia, na fila para o banheiro, aconteceu o que ela mais temia. Em um momento de distração, um menino baixou suas calças. Carolina as vestiu rapidamente, mas estava feito. Todos riram, e Carolina teve vontade de sumir. Carolina se dirigiu a professora, meio chorosa, relatando o ocorrido. A professora a ouviu, olhou bem nos seus olhos enquanto ela falava, e disse: “Tá, vai brincar...”. Carolina, com 5 anos, aprendeu o que era impunidade.



O caso da aspirante à artista

Um dia, Carolina se deu conta de que desenhava bem. A professora, talvez da 4ª ou 3ª série, pediu para que a turma fizesse um desenho livre. Carolina, nesta época, era obcecada por animais, principalmente os grandes mamíferos. Tudo graças ao Rei Leão, filme da Disney, que Carolina deve ter assistido uma centena de vezes, até decorar as falas. No desenho livre, proposto pela professora da 4ª ou 3ª série, Carolina desenhou uma árvore muito grande e com muitos galhos sem folhas. Nos galhos, haviam espalhados diversos felinos, provavelmente onças. Uns brincavam, outros dormiam, outros se alimentavam, etc. Quando Carolina entregou o desenho para a professora, professora fez uma cara de surpresa e saiu da sala, com o desenho na mão. Logo em seguida voltou, e pediu que Carolina se dirigisse à sala da diretora. Chegando lá, Carolina sentou-se na mesa da diretora, a diretora olhou para Carolina e olhou para o seu desenho, e a parabenizou pela bela imagem que havia criado. Semanas depois, Carolina recebeu um convite de uma exposição em algum hotel, em que estaria exposto o seu desenho, como parte de um projeto de exposição de desenhos de alunos de escolas da cidade. Carolina não foi à exposição por que seus pais não a levaram porque sei lá, mas ela nem ficou triste. Depois disso, todo o trabalho e todo o desenho livre proposto pela escola era pretexto para desenhar a árvore cheia de onças. Mas daí ninguém mais elogiou, e Carolina parou de desenhar esta cena. Apesar de assistir muitos documentários sobre grandes felinos, Carolina só foi se dar conta muito tempo depois que onças não vivem em bandos como os leões, vivem sozinhas, portanto, uma árvore cheia delas, vivendo em harmonia, não seria possível.

2) ¿Qué es necesario para que la casa funcione mejor y exista más armonía?

NOME: SUPREME CPF: R6: ANDRÉGO TELEFONE TURMA: DA DATA: O DIA MAIS LONGO DE NOSSAS
PESADA VIDAS!
 PROFESSORA: CAROLINA COMPONENTE: ESPANHOL

PROVA DE ESPANHOL (5ª SÉRIE)

Conjugación del verbo en Pretérito Perfecto Simple

	-AR	-ER	-IR
Yo	bailé	comí	partí
Tú	bailaste	comiste	partiste
Él / Ella / Usted	bailó	comió	partió
Nosotros(as)	bailamos	comimos	partimos
Vosotros(as)	bailasteis	comisteis	partisteis
Ellos / Ellas / Ustedes	bailaron	comieron	partieron

1) Complete as lacunas com a conjugação do verbo em entre parêntesis no Pretérito Perfecto Simple:



- a) Nosotros NÃO SABEMOS O NOSSO hasta la puente de la playa. (caminar)
 b) Joaquin e Dania FORAM A ESCOLA E sus amigos en la escuela. (conocer)
 c) Yo UM LUGAR HORRIVEL de mi ciudad porque no tenia trabajo. (salir)
 d) Julietta A ESCOLA SÓ AS muchísimo bien esta noche. (cantar)
 e) ¿Tú PESSOAS? AS PÉS su madre en el día de las madres? (bejar)
 f) Ellos no SOA SÓ A ES - las papas que hizo ayer. (comer)
COLA?

Lee y responde en portugues:

Tu casa, tu hogar

La casa em que vivimos es nuestro hogar. Día a día surgen situaciones que requieren la ayuda de todos, por ejemplo atender al telefono que suena, apagar las luces encendidas, colocar papel en el baño, etc.

Esa ayuda no sirve simplemente para que la casa funcione mejor, sino para que exista más armonía.

La familia es um equipo em el cual cada uno debe hacer su parte. Y, para que te sientas útil y participativo, es posible hacer pequeñas tareas:

- Poner la ropa súa en el cesto;
- Colgar las toallas en su lugar;
- Dejar la mochila y el uniforme ordenados en la habitación;
- Guardar los juquetes;
- Hacer la cama;
- Regar las plantas;



O caso da aspirante à cartunista I

Na 5ª ou 6ª série, Carolina gostava muito de um desenho japonês recém lançado no Brasil chamado Pokemón. O desenho trata de adolescentes que são treinadores de pokemóns (animais que possuem super-poderes), que percorrem o mundo caçando esses animais e competindo em duelos. Carolina e mais dois amigos queriam ser mestres pokemons, por isso criaram uma história em quadrinhos em que os personagens eram eles mesmos, no universo do desenho animado. Cada semana, a pasta com as histórias ficava na casa de um desses amigos, e a tarefa era sempre dar continuidade à história que o outro começou. Carolina e Rafael desenhavam bem, e Gustavo nem tanto. Ronei queria muito fazer parte da equipe, mas os outros não permitiam por que ele desenhava muito mal. Era muito empolgante chegar em casa com a pasta e criar narrativas para a história, Carolina ficava horas debruçada nisso, pois ela realmente se imaginava naquelas situações e, de certa forma, as vivenciava por meio da sua personagem. Carolina não tinha o mesmo empenho com a escola, por isso estava sempre em recuperação.

-Poner la mesa.

2) ¿Qué es necesario para que la casa funcione mejor y exista más armonía?
A destituição do sistema.



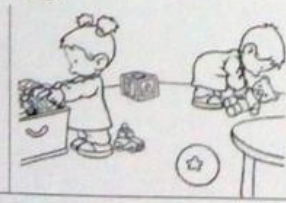
3) ¿Por qué la familia es considerada un equipo?
Porque a sociedade impõe uma organização como forma de controle.

4) ¿Qué es posible hacer para que te sientas útil y participativo?
Encontrar a si mesmo.

5) Observa y completa com TAMBIÉN o TAMPOCO:

a) Yo hago mi cama todos los días. CERTO llevo mi hermano a la escuela.
b) No me gustan las patatas fritas. CERTO me gustan los refrescos.
c) Mi hermana no va al cine y yo ERRADO.
d) Vamos a llamar a Carlos y CERTO a Daniel para jugar al balón.
e) Hay tiempo para ayudar en casa y MUYTO BEM! para descansar.
f) Además de limpiar el jardín, ERRADO riego las plantas.
g) Hoy no tenemos clase y mañana ERRADO.

6) Ligue as imagens às respectivas frases a que elas se correspondem, e complete com o verbo adequado:

a) GUARDA los juguetes.

b) ESTÁ NA HORA DE IR ^A la casa.

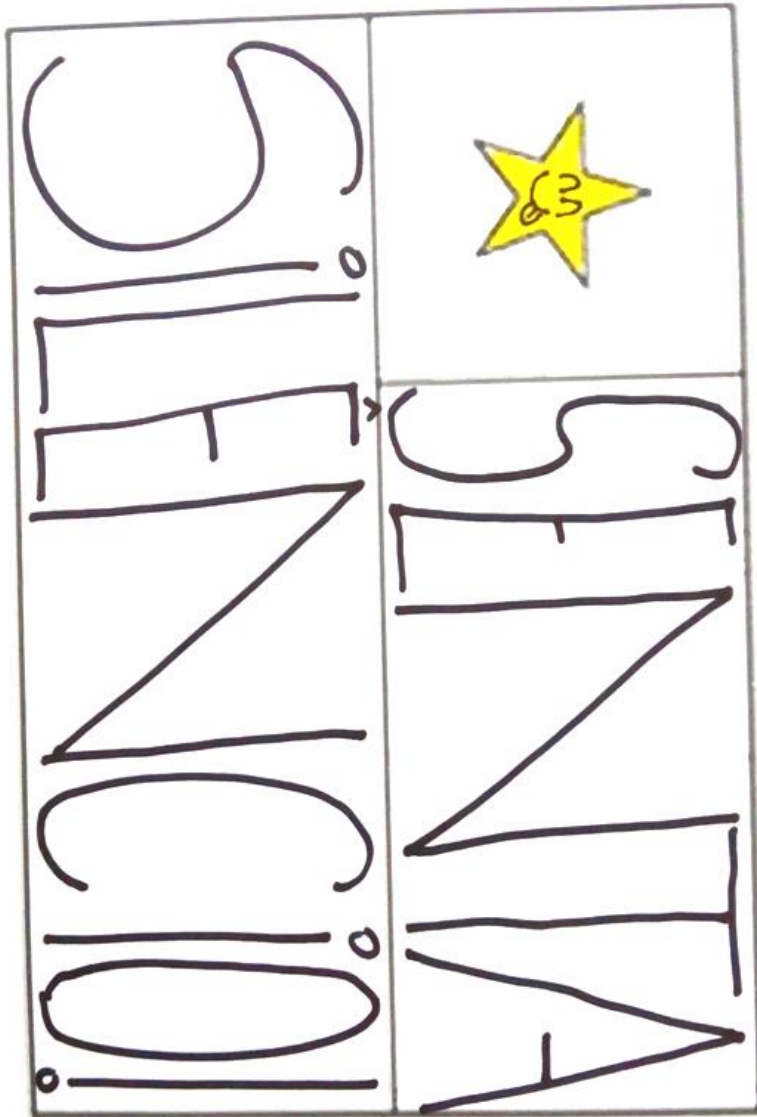
c) ? las plantas.

O caso da aspirante cartunista II

Um dia Carolina, com uns 8 ou 7 anos de idade, tentou desenhar o Bilú, personagem da turma da Mônica, tomando a gibi como modelo. Desenhou bem. Mostrou para a mãe dela, a mãe dela elogiou muito, disse que estava perfeito, mas Carolina não achou tão bom e ficou brava. Por que não conseguia desenhar bem que nem o Maurício de Souza?

O caso da professora que chorou

Um dia, na 6ª ou 7ª série, a professora de Educação Artística chorou na sala de aula, na frente dos alunos. Um dos alunos mais inteligentes da turma, o Douglas, se recusou a fazer a atividade que ela propôs, por que achava que Artes não era importante e não rodava. A professora chorou quando começou a justificar o porquê de estar ali e escolher aquela profissão. Carolina ficou com pena. Douglas não. Carolina, há uns anos atrás, ficou sabendo de algumas coisas não muito legais de Douglas. Nunca mais ouviu falar da professora.

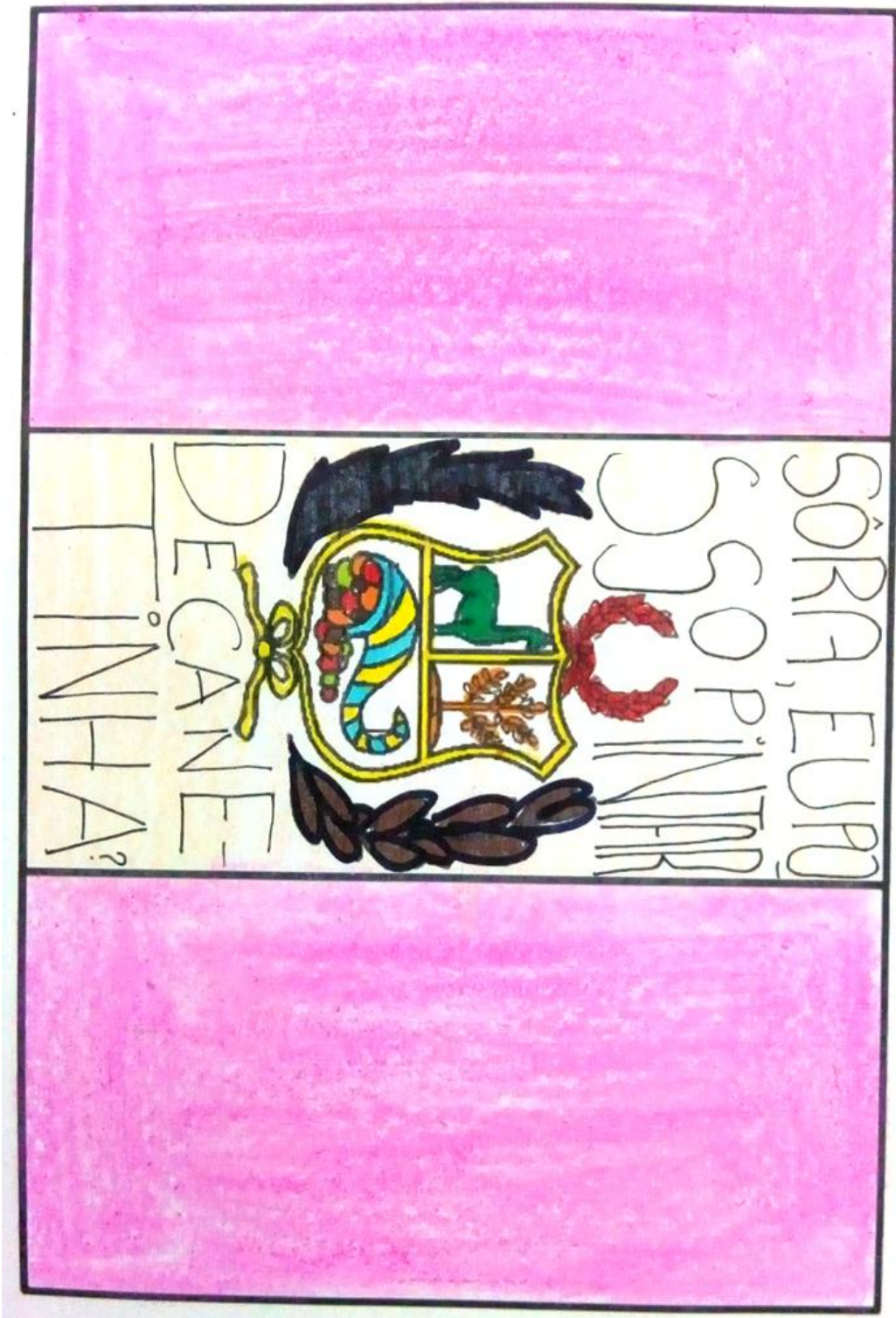


O caso do menino estranho na chuva

Havia um menino na escola de Carolina que era estranho. Um dia estava chovendo muito, e o Touro (apelido de um outro menino da escola, que fazia jus ao seu apelido), carregou o menino estranho nos braços, enquanto o menino se debatia tentando se desvencilhar. Touro o atirou no meio da quadra molhada, na chuva. O menino estranho ficou lá em posição fetal, por uns bons minutos. Todos riram. Carolina não riu, teve pena, mas não fez nada. Alguns também devem ter tido pena, mas também não fizeram nada. Ninguém repreendeu o Touro, e nada aconteceu com ele. Carolina viu o menino estranho no ônibus anos depois, com um uniforme de alguma coisa relacionada a computadores (Dell, Microsoft, etc...). Ele parecia feliz. Carolina ficou feliz.

O caso do tapa na cara

Daniel, uma vez, levou um tapa na cara de um menino na escola. Daniel chegou no colégio, se dirigiu a sua sala de aula, e levou um tapa. Os outros meninos riram, e Daniel seguiu seu caminho. Anos depois Daniel encontrou esse menino, que lhe agrediu anos atrás, no mercado. O menino, agora homem, o parou, perguntou se Daniel se lembrava dele, e lhe pediu desculpas; disse que não sabia por que havia feito aquilo. Eles se abraçaram.



O caso da filha da professora

Uma vez uma colega de Carolina chorou na sala de aula depois que sua mãe, que era a professora, a repreendeu agressivamente por uma nota baixa ou por um mal comportamento. A menina foi exposta pela mãe/professora em frente a toda turma. A filha/aluna baixou a cabeça e começou a chorar. Pra quem ela iria pedir ajuda ou reclamar?

COMPONENTE CURRICULAR: ESPANHOL

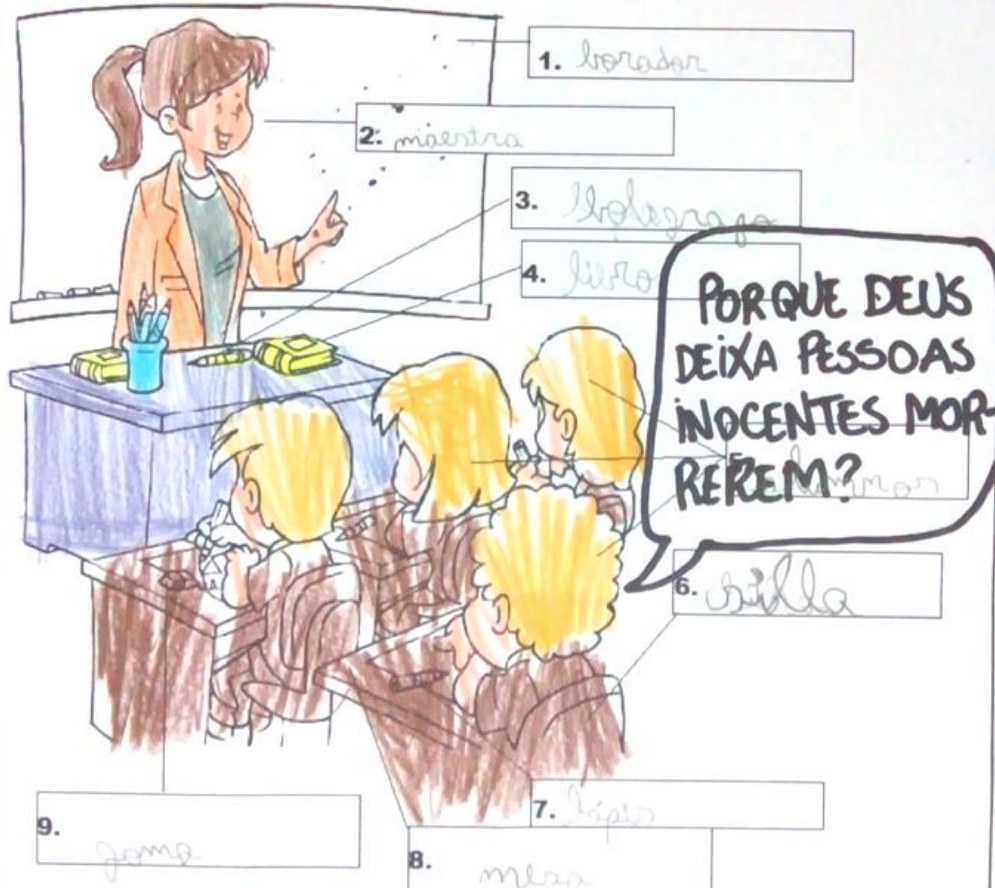
PROFESSORA: CAROLINA DATA: _/ _/ _

Nome do aluno: *Sofia*

Turma: _____ 2º trimestre

LOS MUEBLES Y OBJETOS DE LA CLASE

- 1) Complete com os nomes em espanhol das pessoas, dos objetos e dos móveis da sala de aula.



O caso da invasão do campo.

Havia na escola de Carolina, uma vez por mês, um jogo entre turmas. Geralmente era a 3ª série contra a 4ª série. Era muito competitivo, pois a 3ª série – turma da Carolina - os mais novos, sempre ganhavam. Enquanto os meninos jogavam, as meninas torciam, cantavam gritos de guerra, comemoravam e também competiam neste universo. Até que um dia, a 4ª série ganhou, e a 3ª série invadiu o campo. Os meninos começaram a brigar, como na televisão. A escola decidiu não fazer mais esses jogos.

COMPONENTE CURRICULAR: ESPANHOL

PROFESSORA: CAROLINA DATA: ___/___/___

Nome do aluno: _____ Turma: _____ 2º bimestre



TEM QUE SER FIRME COM ELLES
SE NÃO ELLES TOMAM
CONTA.



FELIZ



TRISTE



ASUSTADO



ENOJADO

O caso do pesadelo de voltar para a escola

Carolina gostava de Português, de Educação Artística, de Ciências e de Ciências Sociais. Mas sua mãe sempre era chamada por suas baixas notas em Matemática. Uma vez a professora disse para a sua mãe que só Carolina havia acertado uma questão de interpretação de texto na turma (era uma tira da Bruxonilda, que Carolina adorava), mas havia ido mal em Matemática. Carolina não entendia os problemas e os cálculos. E por mais que treinasse em casa e fizesse aulas particulares, na hora da prova ela errava. Até que Carolina desistiu. Aceitou e se convenceu de que nunca iria aprender aquilo, e passou a passar de ano pelos conselhos de classe. Carolina tem pesadelos até hoje com a matemática. No pesadelo, por algum motivo, ela precisa voltar para a Escola, já adulta, e ela se dá conta que nunca sairá de lá por causa da matemática. É desesperador.

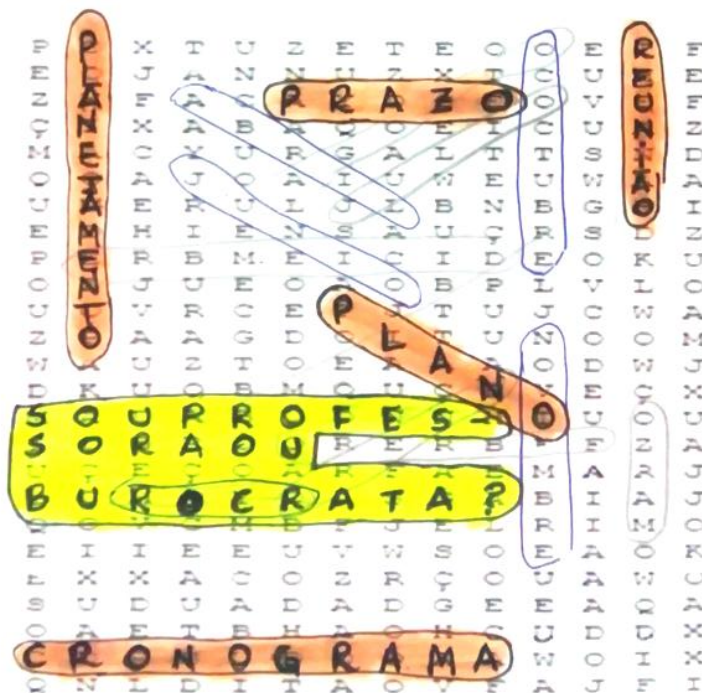
COMPONENTE CURRICULAR: ESPANHOL
 Nome do aluno: _____

PROFESSORA: CAROLINA DATA: ___/___/___
 Turma: 3^a 2º trimestre

2) Complete:

- a) Un año tiene 12 meses.
 b) El mes de la Navidad es 12.
 c) Mi cumpleaños es en el mes de 12.
 d) Me voy de vacaciones en el mes de 12.

3) Encontre os meses do ano no caça-palavras:



O caso do puxão de orelha

Carolina estudava em uma escola de irmãs. Um dia, quando era bem pequena, viu uma das irmãs carregando um menino mais velho que Carolina, pela orelha, até a diretoria.

COMPONENTE CURRICULAR: ESPANHOL PROFESSORA: CAROLINA DATA: ___/___/___

Nome do aluno: _____ Turno: _____ 2º trimestre

SÔRA, EU NÃO TENHO COR DE PELE.

FELIZ TRISTE ASUSTADO ENOJADO


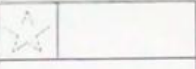
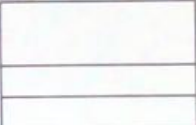
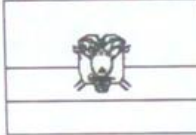

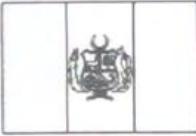
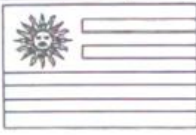


O caso do tremer

A professora de Educação Física e Matemática de Carolina, até a oitava série, era uma freira. Um colega, uma vez, teve de ficar de frente para a parede e de costas para o resto da turma, por ter errado uma conta no quadro. Carolina teve sorte de nunca ter passado por isso. Seus colegas lhe passavam cola na hora que ela tinha que resolver as equações no quadro, mas ela tremia do início ao fim quando a aula tinha esse tipo de dinâmica.

COMPONENTE CURRICULAR: ESPANHOL
 Nome do aluno: _____

PROFESSORA: CAROLINA DATA: ____/____/____
 Turma: _____ 2º bimestre

1) Complete con el nombre de los países de las banderas y sus capitales:

	Paises	Capitales
	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	Sôra, eu	odeio Argentinos!

O caso do menino homem

Outro amigo de Carolina só andava com as meninas da turma. Uma vez Carolina e esse amigo estavam juntos, e um outro colega chamou o amigo de Carolina de <viado> por que só andava com meninas e não jogava futebol. Carolina respondeu que o amigo dela era muito mais homem que os outros meninos justamente por que não tinha medo de meninas. O menino não soube o que dizer, Carolina e seu amigo riram.

COMPONENTE CURRICULAR: ESPANHOL

PROFESSORA: CAROLINA DATA: _/ _/ _

Nome do aluno: _____ Turma: _____ 2º trimestre

LOS MUEBLES Y OBJETOS DE LA CLASE

- 1) Complete com os nomes em espanhol das pessoas, dos objetos e dos móveis da sala de aula.



Bem dia turma! Hoje
 nós vamos aprender sobre
 a Arte do Antigo Egí-
 to. Eu não queria ensi-
 nar isso para vocês, mas
 as condições pedagógi-
 cas da escola
 exigem, eu
 preciso desse
 emprego, os
 pais de vocês
 podem recla-
 mar que a professora de Artes não
 dá nada na aula, só fica viajando,
 falando de performance, de política
 não tem nada no caderno de Artes
 como funciona tua avaliação?

O caso do menino homem pobre

Esse mesmo amigo, uma vez, foi chamado de “pobre” por um outro colega porque não tinha o material escolar completo.

A escola é um lugar horrível.

As pessoas fazem da escola um lugar horrível.

A escola são as pessoas(?)

COMPONENTE CURRICULAR: ESPANHOL PROFESSORA: CAROLINA DATA: ___/___/___

Nome do aluno: _____ Turma: _____ 2º trimestre

LOS MUEBLES Y OBJETOS DE LA CLASE

1) Complete com os nomes em espanhol das pessoas, dos objetos e dos móveis da sala de aula.

ESCOLA Ñ É LUGAR DE BEIJO, ESCOLA É PARA ESTUDAR. TU TEM QUE ESTUDAR MAIS. CAI NO VESTIBULAR. FULANO ME DÁ A TUA AGENDA. SAI DA SALA SENTA! VAI PRO TEU LUGAR! NINGUÉM VAI IR NO BANHEIRO. FILA POR ORDEN DE TAMANHO ISSO É POSTURA DE 7. SALA DE AULA? SILÊNCIO! ENGERROU! BAIXA A CABEÇA E FAZ TUA ATIVIDADE! É FALTA DE ESTUDO. NÃO TEM LIMITE EM CASA!



Uma professora, colega na escola que Carolina trabalha, lhe relatou uma vez que foi chamada pela diretora, e foi questionada do porquê ela utilizar brincos de pena; se ela realmente achava bonito ou era para chamar a atenção dos alunos. A colega de Carolina lhe respondeu a diretora que usava o adereço porque gostava. A diretora então disse que a ela não interessava o que sua funcionária fazia fora da escola, mas que dentro da instituição, ela deveria se preservar diante dos alunos e dos pais.

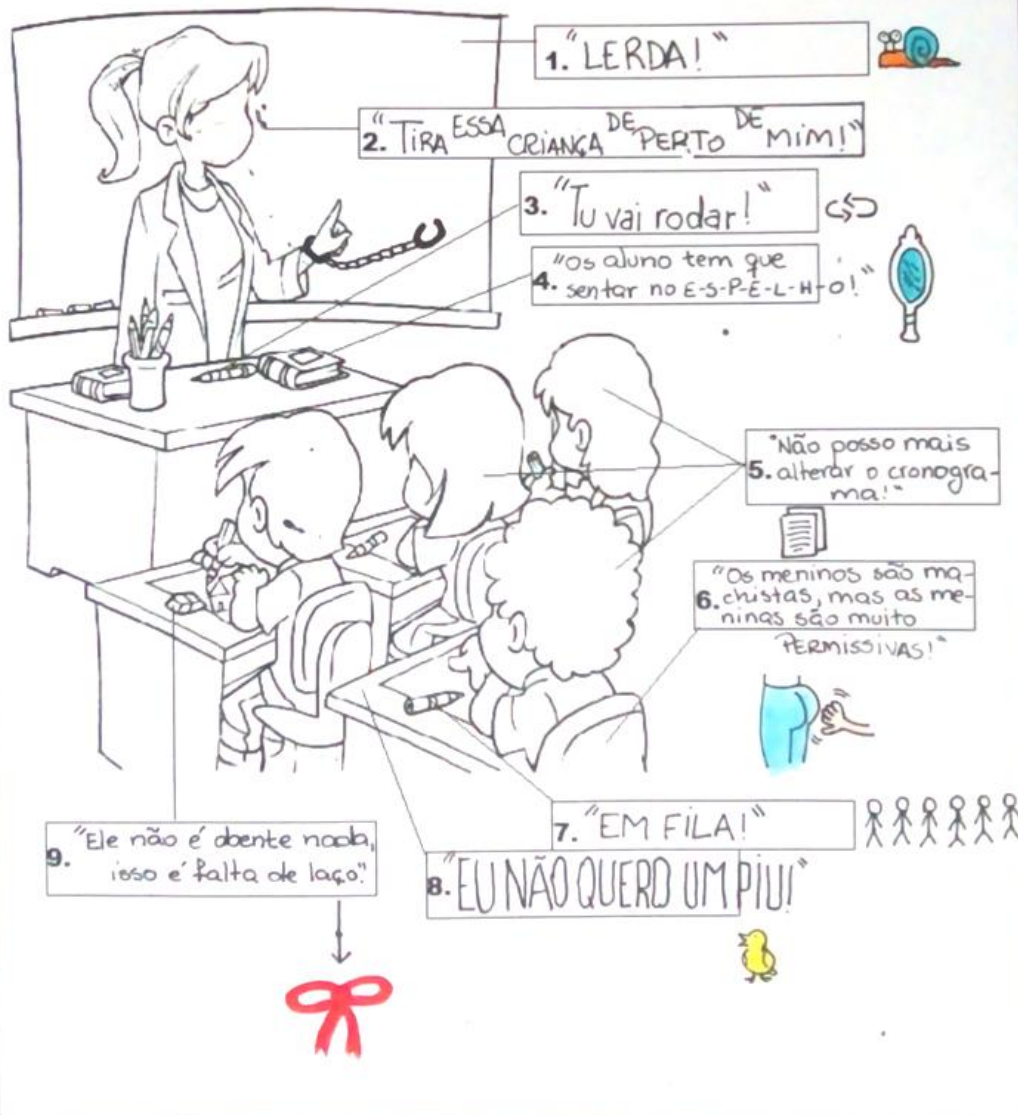
COMPONENTE CURRICULAR: ESPANHOL

PROFESSORA: CAROLINA DATA: ___/___/___

Nome do aluno: _____ Turma: _____ 2º trimestre

LOS MUEBLES Y OBJETOS DE LA CLASE

- 1) Complete com os nomes em espanhol das pessoas, dos objetos e dos móveis da sala de aula.



O caso do poema censurado

Carolina propôs a seus alunos que criassem um poema concreto. Uma aluna criou um poema que dizia: “A sociedade te impõe regras, por isso, quebre-as.”. Todos os trabalhos da turma foram expostos no painel da escola, e Carolina estava muito orgulhosa do trabalho de seus alunos. No dia seguinte à exposição dos trabalhos, eles haviam sido todos retirados do painel. Carolina foi chamada na coordenação, onde lhe foi explicada a razão da retirada dos trabalhos. O poema em que a menina dizia para quebrar regras foi considerado inadequado à filosofia da escola. Carolina tentou argumentar, mas não deu certo. O poema teve de ser reescrito. “A sociedade te impõe regras, por isso, reflita sobre elas!”. Só reflita, por favor, não faça nada a respeito.

A sociedade te impõe regras,
por isso **QUEBRE-AS!**

Ysadora T.81

O caso da ata do dia dos namorados

Na escola onde Carolina trabalha aconteceu em determinado momento do ano letivo um sarau de música e poesia. Um dos alunos, antes de tocar uma canção, dedicou essa canção a sua namorada, que estava na plateia, assistindo às apresentações. Depois do sarau, o aluno foi chamado à coordenação para assinar uma ata, pois a escola interpretou que sua atitude poderia ser um incentivo a relacionamentos entre os estudantes.

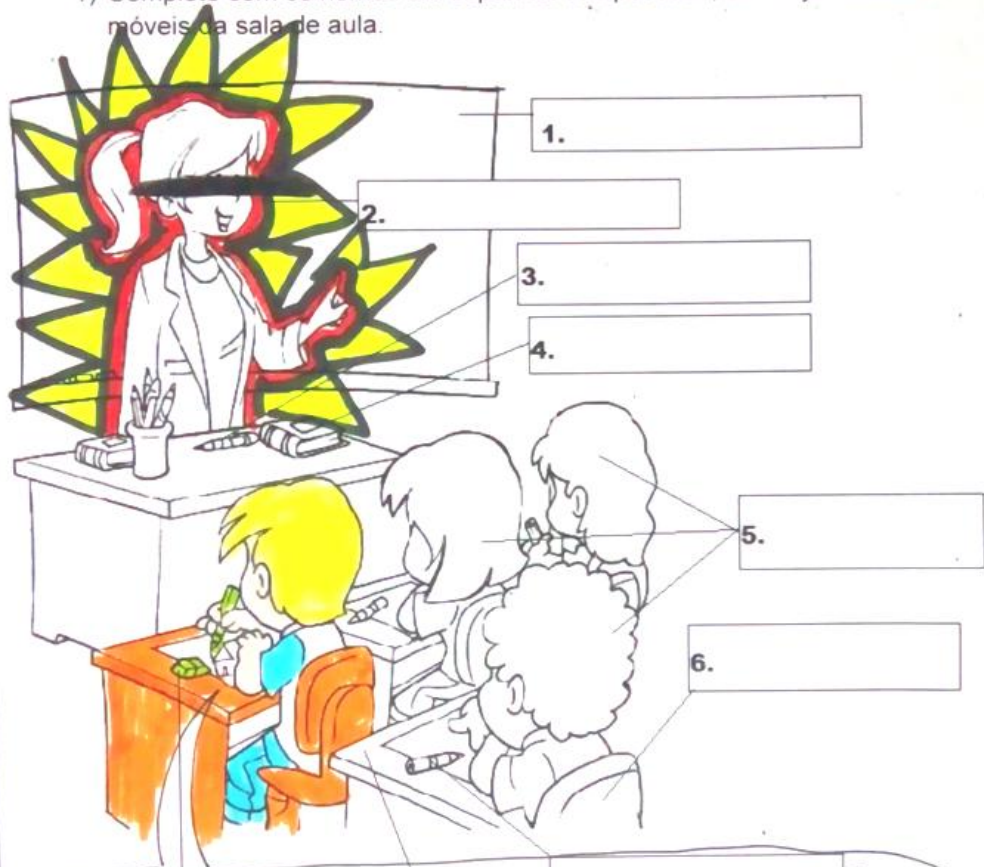
COMPONENTE CURRICULAR: ESPANHOL

PROFESSORA: CAROLINA DATA: _/ _/ _

Nome do aluno: _____ Turma: _____ 2º trimestre

LOS MUEBLES Y OBJETOS DE LA CLASE

1) Complete com os nomes em espanhol das pessoas, dos objetos e dos móveis da sala de aula.



9. SÔRA, EU ^{7.} QUERIA TER
 UMA METRALHADORA PRA
 MATAR TODO MUNDO DESSA ESCOLA!

O caso do batom

Uma professora, colega de Carolina, foi chamada à coordenação da escola, e lhe foi solicitado que deixasse de usar batons de tons muito fortes ao dar aula, como era de seu costume, pois estava incentivando às alunas a utilizarem também este tipo de maquiagem. Também, em outro momento, solicitaram que a professora deixasse de utilizar um determinado tipo de tênis que ela possuía, pois ele era configurado de uma forma que parecia estar desamarrado, e isso também estava incentivando os alunos à utilizarem o calçado desta forma.

A professora obedeceu.

- 1.8 - Saídas de alunos antecipadas somente com autorização do Setor de Acolhida.
- 1.9 - Retomar os conteúdos sempre que houver necessidade, usando assim metodologias diversificadas.
- 1.10 - Estimular o aluno que se manifeste posicionando-se, seja tirando dúvidas e/ou opinando.
- 1.11 - Publicar aos alunos, no início dos trimestres, a sistemática da aula e dinâmica da avaliação.
- 1.12 - Devolver, com brevidade, os instrumentos avaliativos para os alunos efetuando a correção, bem como análise do desempenho dos mesmos de forma ética.
- 1.13 - Levantar o aluno a acreditar nas suas potencialidades/habilidades;
- 1.14 - Usar vocabulário compatível com a sua responsabilidade de educador de uma instituição confessional e profissional, sem termos pejorativos;
- 1.15 - Fazer a chamada e registrar as anotações devidas diariamente nas planilhas;
- 1.16 - Ser pontual e assíduo nos horários de reunião, aula, eventos e demais atividades escolares;
- 1.17 - Organizar a saída dos alunos para que esta ocorra com tranquilidade e organização;
- 1.18 - Aguardar a saída dos alunos para depois sair e fechar o ambiente (desligar a luz e os ventiladores) no uso das salas especiais e no horário do recreio;
- 1.19 - Solicitar a organização da sala utilizada no final do período, deixando o quadro limpo, recolhendo os materiais, desligando as luzes e ventiladores;
- 1.20 - Utilizar os recursos didáticos - pedagógicos oferecidos pela Escola com os alunos;
- 1.21 - Cobrar com seriedade dos alunos o cumprimento das normas disciplinares da Escola tais como não permitir o uso de bonê em sala de aula ou sala especial, saídas frequentes das salas (Biblioteca, Secretaria, Laboratórios...), comer no horário de aula e nos laboratórios (bolas chicletes, salgadinhos, refrigerantes, etc);
- 1.22 - É direito do aluno ser assistido pelo professor durante o período de aula. O professor não deve afastar - se da sala ambiente, sendo que, quando necessário, deve solicitar a presença de um "substituto".
- 1.23 - Cobrar dos alunos o uso diário da agenda, pois seu objetivo é ser o instrumento de comunicação entre a família, aluno e escola no que diz respeito a sua vida escolar, comunicados, provas, incentivos e reflexões;
- 1.24 - Os bilhetes quando enviados aos pais (via agenda) deverão ser cobrados devidamente assinados.
- 1.25 - É da responsabilidade dos professores e profissionais da Escola cumprir rigorosamente os horários previstos pela instituição

ATRIBUIÇÕES DOS PROFESSORES

1) ATENDIMENTO AOS ALUNOS:

- 1.1 - Tratar todos os alunos com IGUALDADE, não é privilégio, mas sim direito previsto na LDB;

- 1.2 - Chegada de alunos atrasados após o segundo sinal (5 minutos após o início da aula) somente com autorização do Setor de Acolhida. Olhar a autorização e assinar-la quando aluno entrar em sala.
- 1.3 - Promover a integração durante as aulas visando o bom relacionamento e promovendo condições de aprendizagem;
- 1.4 - Não permitir o uso do bonê em sala de aula, laboratórios, igreja (de acordo com os princípios da Instituição, fazem parte da formação do indivíduo ler atitudes de respeito);
- 1.5 - Trabalhos em grupo somente serão orientados para serem realizados em sala de aula (a escola não dispõe de espaço físico para encontros extraclasses);
- 1.6 - O uso do uniforme é obrigatório para todos os alunos. Nas aulas de Educação Física (Abngo, Tênis, Camiseta da Escola). Nas aulas práticas no Laboratório de Ciências o uso do jaleco. Cabe ao professor destas disciplinas encaminhar ao Setor de Acolhida aqueles alunos que não estiverem de acordo;

ATENDIMENTO AOS PAIS:

- 2.1 - Os atendimentos aos pais deverão ser agendados antecipadamente pelo Setor de Acolhida e passados ao professor ou responsável;
- 2.2 - No momento do atendimento o professor deverá munir-se das planilhas para eventuais esclarecimentos bem como coletar dados com outros colegas para passar para o pai a ideia do todo;
- 2.3 - Os assuntos tratados deverão restringir-se às questões profissionais, evitando-se assim assuntos pessoais;
- 2.4 - Os atendimentos deverão ter duração de **15min** não devendo ultrapassar este tempo por serem realizados durante os períodos de aula;



17 - Chegada de alunos atrasados após o segundo sinal (5 minutos após o início da aula) somente com autorização do Setor de Acolhida. Olhar a autorização e assinar-la quando aluno entrar em sala.

O caso do carnaval

Uma professora, colega de Carolina, iria desfilhar no carnaval de Porto Alegre. Na semana antes do desfile, foi chamada à coordenação da Escola e recebeu as seguintes orientações:

- 1) Não publicar fotos ou vídeos pessoais em redes sociais da noite ou do desfile do carnaval;*
- 2) Não conceder entrevistas à meios de comunicação que, de alguma forma, exibissem sua identidade.*

A professora obedeceu.

O caso do não poder sentar-se

Os professores da escola receberam um email com diversas orientações da coordenação. Uma delas é que os professores estavam proibidos de ingerir quaisquer que fossem os líquidos que não água. Além disso, os professores foram orientados a não sentar em sua cadeira durante as aulas. Se os alunos estivessem realizando alguma atividade, o professor deveria estar circulando pela sala, nunca sentado.

Professores de 6ª ao Ensino Médio

Estamos chegando no mês de julho, já tivemos uma grande caminhada quanto escola. O nosso merecido recesso está chegando. Portanto, peço que observem as orientações da escola quanto à metodologia do trabalho com as turmas, para darmos continuidade na nossa proposta metodológica.

- 1) Não realizar provas, testes com consulta. Caso necessitem realizar este tipo de trabalho, conversem com o setor antes.
- 2) Também não realizar provas, testes, roteiros de leituras em duplas. Caso necessitem realizar este tipo de trabalho, conversem com o setor antes.
- 3) Não passar provas, trabalhos avaliativos no quadro para os alunos copiarem.
- 4) Deixar bem claro para os alunos quais os conteúdos (página de livro, se for o caso, folhas de xerox) que deverão estudar para prova. (Orientar o aluno para copiar no caderno).

- 5) Retomar sempre os conteúdos uma aula antes da prova. E não colocar na prova, os conteúdos que não foram bem retomados.
- 6) Corrigir os temas; passar primeiro nas classes para ver se os alunos fizeram e depois iniciar a correção.
- 7) Também corrigir atividades de aula e do livro. Colocar o visto de vocês nos cadernos e nos livros.
- 8) Não desmarcar avaliações de última hora, se for necessário, desmarcar com antecedência e já deixar marcada.
- 9) Corrigir com rapidez e entregar provas, testes para os alunos e após realizar a correção com a turma.(observar se os alunos copiam as respostas corretas);
- 10) Não corrigir provas, testes e trabalhos na sala. O momento da sala de aula é de atendimento com os alunos.
- 11) Não ficar o tempo todo sentado, circular na sala de aula e observar a organização dos alunos.

O caso do Halloween

No dia do Halloween, a professora de Inglês realizava uma série de atividades relacionada com esta data com os alunos. Até que um dia um pai questionou tal atividade, pois, segundo ele, esta data era uma data profana, tendo em vista que a escola é uma escola confessionária cristã. A professora foi proibida de realizar a atividade de Halloween desde então.

O caso do ateísmo

Uma vez um aluno perguntou a Carolina se ela acreditava em Deus. Carolina, mesmo sendo ateia, disse que acreditava, por medo de ser demitida ou mesmo hostilizada pela coordenação. Carolina mentiu.

O caso do ataque de pânico na sala de aula

Quando Carolina dava aula na escola pública, possuía muitas turmas, muitos alunos e muitas matérias diferentes sob sua responsabilidade (Arte, Português, Espanhol, Literatura e Inglês). Já no sexto período de terça-feira à tarde, depois de dois dias com a carga horária lotada, sem nenhuma “janela”, enquanto dava aula sobre a tragédia grega – a décima vez que falava sobre isso em dois dias -, Carolina começou a sentir um aperto no peito, falta de ar, coração acelerado, suor frio e tontura. Ela achou que fosse morrer. Sentou na sua cadeira e tentou disfarçar seu estado em frente aos alunos. Pediu para que escrevessem ou fizessem qualquer coisa para se ocuparem até que se recuperasse. Bateu o sinal, os alunos foram embora. Quando todos saíram, Carolina chorou.

O caso dos xingamentos escritos em inglês

Carolina solicitou um trabalho de inglês para os alunos realizarem. Quando foi corrigi-los em casa, em um dos trabalhos estava escrito diversas frases de cunho pornográfico, dirigidos à Carolina. Carolina levou a atividade à direção, e depois de chamarem os alunos responsáveis, pais, boletins de ocorrência, polícia, o aluno responsável foi transferido de escola. Carolina ficou um bom tempo com medo de alguma represália por parte do aluno.

O caso da reunião dos pais

A escola enviou um email para os professores, solicitando uma reunião de emergência. Nela, os professores foram convidados a participarem de uma reunião de pais que se encontravam muito insatisfeitos com o trabalho dos professores. A coordenação foi muito questionada, por alguns professores mais corajosos, sobre a situação, pois os professores se enxergaram expostos e vulneráveis ao movimento dos pais. A coordenação deu a garantia de que estaria junto aos professores nesta ocasião. No dia da reunião, só metade do grupo de professores esteve presente, alguns pais foram bastante hostis com alguns professores (alteraram a voz, questionaram e criticaram práticas dos professores, de forma agressiva e impositiva, etc.), e ninguém da coordenação esteve presente.

O caso do professor que se surpreendeu.

Carolina uma vez foi receber o feedback de uma prova da faculdade. O professor olhou bem nos olhos de Carolina e disse: “preciso te dizer que tu me surpreendeste, tua prova está muito boa!”. Carolina, na época, encarou aquilo como um elogio. Agora, encara isso como uma falta de crédito por conta do professor.

O caso da calça suplex

Michele era a funcionária da limpeza na escola. Uma vez, foi chamada na sala da diretora. Esta a orientou a não mais utilizar no trabalho calças do tipo suplex (calças de atividades física), pois estava distraindo os alunos com a roupa muito marcada no corpo. Michele passou a ir trabalhar de calça jeans, o que de alguma forma dificultava seu trabalho, pois precisava se mexer e articular muito o seu corpo para limpar os espaços da escola.

O caso do professor Oswaldo de Ed. Física

O professor Oswaldo de Educação Física divida a turma em duas: a dos meninos que jogavam bem e a dos meninos que não jogavam bem. Os meninos que jogavam bem ficavam dentro da quadra de Futebol de Salão, jogando futebol. Os meninos que jogavam mal tinham que ir jogar no campo de chão batido atrás da escola.

O caso do time da vingança (T de vingança)

No Ensino Médio, por conta do número de alunos, o professor Oswaldo não pode mais separar as turmas, e passou a dividir o grupo em três times de futebol. Dois times (os bons), jogavam, o terceiro (o ruim, da quadra de chão batido), jogava com o ganhador. Até que um dia, o time ruim se “vingou”, e ganhou do time “bom”. Os meninos venceram o sistema, pelo menos em um dia.

O caso do aluno João

Carolina tem um aluno de 8º ano que é muito chato. Ele conversa muito em aula, é agitado, grita, sofre bullying, pratica bullying, ele é feio, é baixinho, tem uma voz chata, não tem amigos, não se concentra nos trabalhos, os trabalhos saem ruins, etc. Em uma atividade, os alunos tiveram que se reunir em grupos, e João perguntou para Carolina se poderia fazer sozinho. Carolina disse que sim. Carolina disse esse sim com um certo prazer, já que João é chato. João perguntou querendo que Carolina dissesse não, pois então teria a desculpa para se inserir em algum grupo, mesmo que ninguém o quisesse. João fez sozinho o trabalho, e ficou todo o tempo cabisbaixo, triste. Carolina não deu atenção. Carolina voltou pra casa pensando no João e no que ela havia feito. Carolina agiu como o sistema. Carolina é o sistema. Carolina ficou triste.

O caso da professora que tinha que separar os alunos no pátio

Professora Andriane chegou à escola às 7h20, como sempre, dez minutos antes de dar o sinal. Quando atravessava o pátio em direção à sala dos professores, desviando de grupos de alunos que ali esperavam, foi abordada pela diretora da escola, que lhe apontou um grupo de alunos que estava conversando. Segundo a diretora, os alunos estavam muito próximos um ao outro, e pediu para ela ir até eles e pedir que não ficassem tão próximos. Andriane fez, com muita vergonha e raiva, o solicitado pela diretora. Os alunos, sem entender muito bem, se afastaram.

O caso dos amigos que se abraçavam.

A mãe da aluna Laís foi chamada na escola por que, segundo a coordenação da instituição, sua filha “abraçava” demais os seus amigos. A mãe de Laís disse que a escola é um lugar que deve incentivar a amizade e o carinho entre os colegas, e que não iria pedir pra sua filha deixar de abraçar quem ela quisesse.

O caso do choro engolido

Carolina foi chamada à sala da supervisão para alguns esclarecimentos. O primeiro referente a um comentário feito em sala de aula que foi motivo de reclamação pelos pais. Segundo o pai ou os pais, a professora continuava realizando o mesmo comentário, o que era mentira. Depois foi questionada sobre seu cronograma de trabalho, pois não havia nenhuma avaliação referente à Arte do Antigo Egito. Carolina não achava que os alunos de 6º ano deveriam ser avaliados sobre seus conhecimentos de Arte do Antigo Egito. Carolina começou, então, a sentir vontade de chorar. Sua voz, a cada explicação e justificativa que tinha que dar, ia envergando mais, e seus olhos cada vez mais enchendo de lágrimas. Mas ela não podia chorar. Não podia mostrar fraqueza. Tinha que mostrar que era forte, e que eles contrataram a pessoa certa. Mas era muito difícil. Depois perguntaram sobre a falta de comunicação que Carolina estabelecia com as famílias por meio da agenda. Carolina disse que é muito difícil administrar 35 crianças dentro de uma sala de aula, fazer a chamada, realizar a explicação, explicar a atividade, auxiliar os que possuem dificuldade, cuidar o uso do celular e, ainda por cima, encontrar tempo dentro deste contexto para colocar avisos na agenda de alunos com notas baixas e etc. A coordenadora sugeriu que Carolina fizesse um carimbo. Carolina achou um pouco estranho, um carimbo. Ao final da reunião, Carolina se sentiu a pior pessoa do mundo. E chorou. E tomou dois comprimidos de Rivotril sublinguais.

O caso da falta sem justificativa

Carolina precisava escrever seu trabalho de conclusão, e não encontrava tempo pra isso. Escrevia uma linha por semana. Colocou um prazo imaginário. Não conseguiu cumpri-lo. Numa segunda-feira, cansada por ter trabalhado no sábado, cansada da energia gasta em pesos na consciência de não conseguir escrevê-lo, com medo de postergar para mais um ano sua formatura, pensando em alternativas financeiras caso largue uma das escolas para ter mais tempo, decidiu que iria faltar um dia na escola para terminá-lo e organizar o que faltava. Ela ligou e disse que estava com dor de dente e não poderia ir trabalhar. Carolina mentiu. Pensou até em enfiar uns algodões na boca para no outro dia parecer que estava inchado. Pensou em ir ao dentista e pedir um atestado, mas estava sem dinheiro. Pensou que haveria a possibilidade de ela ter de assinar uma ata em relação a essa falta. Durante a manhã, enquanto escrevia o trabalho, o telefone tocou, e ela não atendeu. Poderia ser sua supervisora questionando qualquer coisa. Tocou de novo. Ela tomou coragem e atendeu. Não era a supervisora, era da TV por assinatura. Carolina tem medo de ser demitida. Ao mesmo tempo, 6 meses de seguro-desemprego não lhe parecem tão ruins. Daria para escrever o TCC, se dedicar mais a outra escola, ao marido, a si mesma, faria yoga, comeria melhor, e visitaria sua avó, a mesma que trabalhava na creche em que Carolina fugia da sala.

5. Quarto Período: Problematização

A Escola que experimentamos hoje exerce poderes, e todo o poder é exercido com violência. É evidente que este poder é institucionalizado nestes espaços para oferecer aos alunos, futuros cidadãos, a experiência das relações sociais que viverão na vida adulta. A escola, então, de forma estereotipada, é uma extensão do Estado e do poder que este exerce na vida dos indivíduos. Não é de se estranhar que as primeiras mudanças e investimentos realizados por regimes fascistas que assumem uma nação, se dão no âmbito militar e escolar, sendo estes, muitas vezes, vinculados institucionalmente e burocraticamente. A violência nas escolas no Brasil, atualmente, não é exercida de forma física, como no início do séc. XIX até à metade do séc XX, onde esta prática fazia parte da própria ordem organizacional das instituições. No contexto nacional e no mundial, ao longo de séculos, foram construídos marcos legais para a proteção à infância que, segundo Ariès (1981), passou a ser valorizada e protegida mais acentuadamente a partir do século XVII. A violência que, ainda de certa forma, segue institucionalizada, é a violência psicológica. Esta violência pode ser materializada de diversas formas, e se manifesta por meio de vários mecanismos, tanto burocráticos quanto disciplinares. Michel Foucault (1977), em seu texto *Vigiar e Punir*, se propõe a compreender o poder disciplinar nas instituições educacionais. Apesar de nunca ter se debruçado claramente e intencionalmente às instituições de ensino, a relação que o autor estabelece indiretamente com as instituições prisionais deixa claro como a essência estrutural das duas organizações está muito próxima. Foucault ainda relaciona a resistência à estas instituições à rebeldia, talvez o caminho mais natural dos indivíduos em resposta às violências estruturais deste sistema, tendo em vista que esse próprio sistema se beneficia do rebelde para servir de exemplo para o grupo.

A escola, por conseguinte, assume diversos mecanismos para que o seu funcionamento como reprodução de exercícios de poderes seja efetivo e concreto. Um deles, e talvez o mais importante, abordado por Foucault, é o método disciplinar aplicado de maneira predominante tanto nas instituições prisionais quanto nas educacionais. A disciplina nada mais é do que os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo e a

sujeição de suas atividades. Na Escola, isso é observado desde a obrigatoriedade do uso do uniforme pelo estudante, quanto na rotina estabelecida para que aquele “corpo” participe das atividades (horários, regras de convivência, limitação do uso dos espaços, etc.). A disciplina, portanto, adentra os indivíduos, os torna dóceis e produtivos. Esta é a lógica do mercado, esta é a lógica do Estado. Por mais que a maioria dos planos políticos-pedagógicos de escolas públicas e privadas estabeleça como objetivo a formação de indivíduos emancipados, autônomos e com capacidade de pensamento crítico, sabe-se que, na prática, a escola não possui preparo algum para lidar com um indivíduo com estas características e, ainda por cima, oprime e reprime qualquer tipo de atitude, tanto de alunos quanto funcionários, que condigam com esta condição.

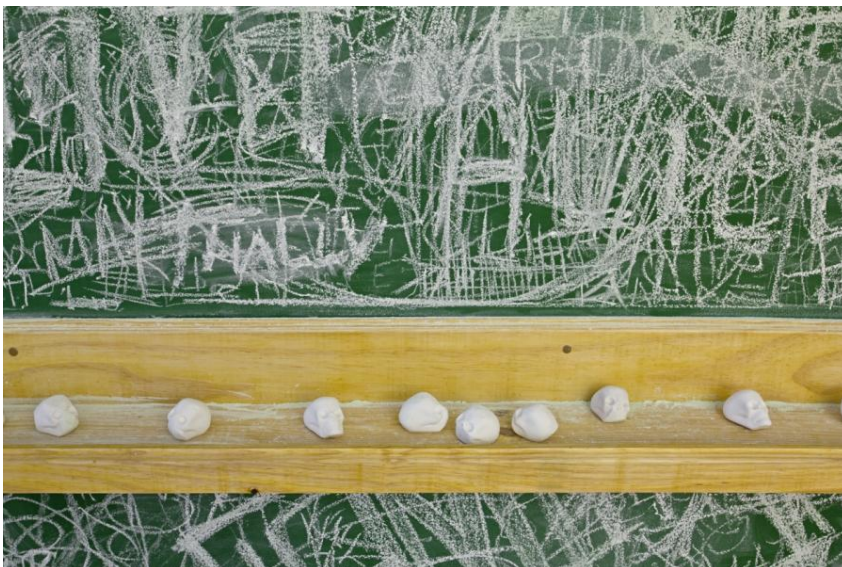
As situações que se escrevem neste texto de Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Artes Visuais fazem parte da rotina de qualquer escola, e está tão interligada nestas relações, que é possível que se identifique tais procedimentos em pequenos detalhes do cotidiano destas instituições. Desde atividades práticas ou teóricas realizadas com diferentes faixas etárias, até na arquitetura e distribuição dos espaços da escola, é possível que se observe o claro objetivo de vigiar os indivíduos que ali se relacionam. Fleuri (1990, p.2), denomina a sala da aula como “cela de aula”, e até o intervalo/recreio possuem um espaço e tempo limitados justamente para impedir o desenvolvimento das relações que escapem ao controle institucional.

A prática de exames e sanções, por exemplo, são por si só, mecanismos de comparações, hierarquizações, que, conseqüentemente, excluem os violadores das normas. Estes documentos, como provas, testes, avisos, atas, etc., podem servir tanto textualmente como imagetivamente de exemplos da estrutura burocrática e violenta que a escola se edifica. Portanto, as imagens que a escola produz e induz a produzir podem também servir a favor de um questionamento, reflexão e problematização sobre esta instituição. A imagem pode intervir também como válvula de escape e procedimento indisciplinar e rebelde tanto em relação à apropriação do que já está dado, quanto resignificação desta realidade por meio destes materiais.

6. Conteúdo Programático: Referências Artísticas.

As referências artísticas foram buscadas e incorporadas ao texto de forma a realizar uma espécie de “inventário” de artistas e obras que trabalharam e trabalham com as mesmas temáticas, processos e suportes que *Sala de Jaula*. Inicialmente, algumas referências artísticas foram encontradas por meio das conversas com a orientadora e, posteriormente à conversa com os professores da pré-banca, e a partir destes artistas foram sendo encontrados outros, formando a genealogia “natural” que toda a pesquisa por referências abarca. Tais artistas e obras não tiveram um envolvimento direto no processo de construção da obra, e sim foram inventariados devido ao tratamento do tema.

Paulo Meira



Crânio de Giz
Giz em formato de caveira
Col. do artista
2003-2011

Cinthia Marcelle



Sobre este mesmo mundo
Quadro negro e giz em pó
29 Bienal de São Paulo
2011



Directional Forces
Giz branco sobre quadro negro
1977

Uma das referências foi a obra de Joseph Beuys, intitulada *Directional Forces* (1977), onde o artista se utilizou de quadros negros para fazer uma instalação, e nestes quadros estavam escritos com giz os esquemas e os desenhos das explicações dadas a seus alunos sobre diversos conceitos, definições e leituras relacionadas à arte. Este trabalho se relaciona muito com a ideia de utilizar elementos de sala de aula em instalações, movimento que faz parte do desenvolvimento e construção de minha obra de instalação, que igualmente se utiliza de materiais – no caso o mobiliário destas instituições – para seu desdobramento. Junto à Beuys, outra referência neste sentido se deu com o trabalho de Pablo Helguera sobre a *Transpedagogia* onde, resumidamente, o autor discute e considera que o processo pedagógico pode tornar-se o núcleo de um trabalho artístico. No caso do meu trabalho, porém,

os processos institucionais e inter-relacionais dos espaços escolares se tornam matéria para a poética desenvolvida. Estes dois trabalhos, portanto, me dão suporte e assistência ao se pensar e executar o trabalho no magistério e a arte como uma poética indiscernível, que podem perder as suas fronteiras e se transformar em uma única realização.

A ideia de realizar uma obra com esta configuração e motivação, teve início quando cursei a cadeira de *Laboratório de texto*, em 2016. O trabalho de finalização do semestre consistia em um “livro” de registro criativo, com todos os textos, imagens e anotações realizadas ao longo do trimestre. Os temas que interceptaram meu “livro” foram meu cotidiano profissional em relação às produções realizadas na disciplina. O nome do trabalho foi chamado *Travessia*, em referência ao *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, e se constituiu como um pequeno inventário de minhas produções durante as aulas destas cadeiras junto ao processo complexo e desgastante que estava sendo a minha inserção no mercado de trabalho como professora de Arte em escolas particulares. O cotidiano nestas instituições se transformava a cada dia em “desertos”, onde mesmo baseado e edificado em interações, em determinados momentos parece ser infinitos de trabalho solitário burocrático, extensões de falas não ouvidas ou desconsideradas, e movimentos que, aparentemente, se tornam ínfimos frente aos imensos vícios institucionais. Lidar com estas situações e tentar compreendê-las, por meio de um processo poético, passou por observar estes espaços e estas relações com espécies de “lupas”, que tentavam encontrar e justificar nas arestas e frestas desta instituição, as relações que lá ocorrem e os discursos que ela produz e reproduz. A partir desta ideia, a artista Élide Tessler também foi uma referência no que diz respeito ao uso das relações da imagem com a linguagem, assim como a utilização de objetos cotidianos, que se confundem na fronteira do que são sobras e o que são obras, o que é Arte e o que é Literatura.



Desertões
Elida Tessler
Galeria Bolsa de Arte
2015

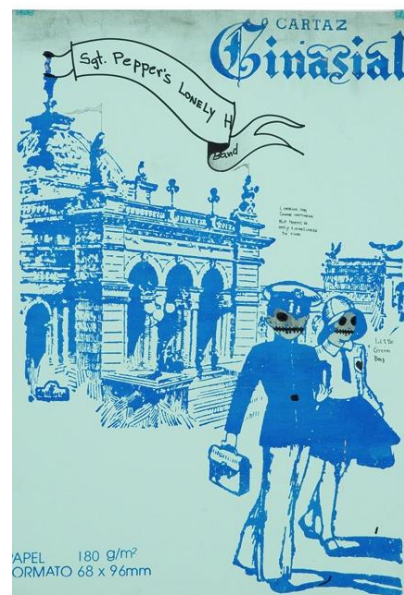
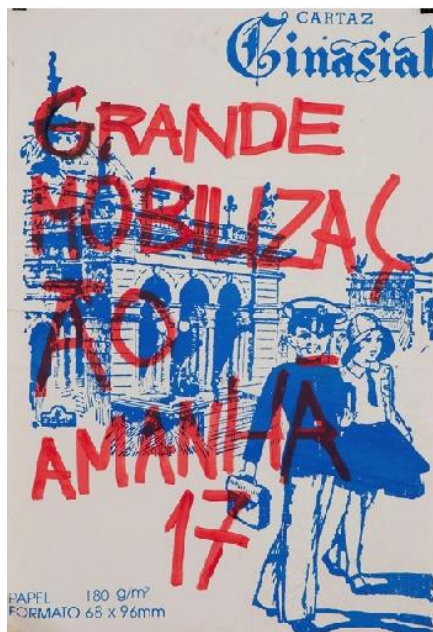
Fazer uso do meu cotidiano e de minha realidade direta em um trabalho artístico me atraiu e me levou a querer explorar isto em um projeto maior. O processo de pesquisa, escrita, experimentação e confecção de minha poética, portanto, se deu como um caminho que já ia se traçando no que diz respeito às minhas escolhas e assuntos para intervir e refletir. Desde que me inseri no mercado de trabalho da docência em educação básica, muito me chamava atenção a estética (ou falta de estética) das instituições de ensino, tanto nos seus micros quanto nos seus macro-espacos, podendo ser observadas, inclusive, na constituição arquitetônica das instituições. Isto, obviamente, começou a me transportar também para as minhas experiências estéticas quando aluna de educação básica, e este talvez tenha sido o primeiro *insight* para se refletir e se pensar estas relações e este ambiente estética e poeticamente. O caminho escolhido por mim, no entanto, se deu na ideia da violação que eu poderia infringir nesta instituição como resposta às violências que sofri, sofro e cometo quando inserida nelas. Violar seus documentos e os objetos que a constituem é violar o discurso hipócrita da maioria destas instituições (que prega o amor, compreensão, liberdade, integração e preocupação com a aprendizagem das crianças), demonstrando por meio de meus casos o quão violenta são as relações que ali se estabelecem, sendo este o procedimento central de minha pesquisa, que se concretiza na instalação.

Ao me propor observar mais atentamente as relações e as imagens que se criavam e se legitimavam dentro deste ambiente, comecei a perceber, mais do que nunca, como ele é repleto e construído de pequenas relações de poder legitimadas por violências: algumas sutis e imperceptíveis, outras óbvias e intencionalmente aparentes. No que diz respeito à estética propriamente dita, considero diversos elementos que constituem e promovem estas violências, desde a arquitetura dos espaços, até os materiais fornecidos e confeccionados pelas instituições.

É importante ressaltar que estas situações e impressões estão relacionadas a experiências pessoais, que vão desde a vida escolar e universitária, até às quatro instituições em que trabalhei/trabalho. Claramente alguns aspectos relacionados às violências possuem mais intensidade e são mais (ou menos) legitimados em algumas instituições e em determinados contextos, porém a ideia principal é pensar as minhas vivências e como eu observo a partir delas que estes lugares que lecionei e leciono são espaços que possuem como pressuposto relações de poder que, como já foi dito, se legitimam por meio da violência. O processo de criação deste trabalho, portanto, consistiu na interceptação do meu cotidiano nas escolas em que dou aulas a partir de uma perspectiva mais sensorial dos objetos, das imagens, dos sinais, dos signos e das relações que circundam o ambiente escolar.

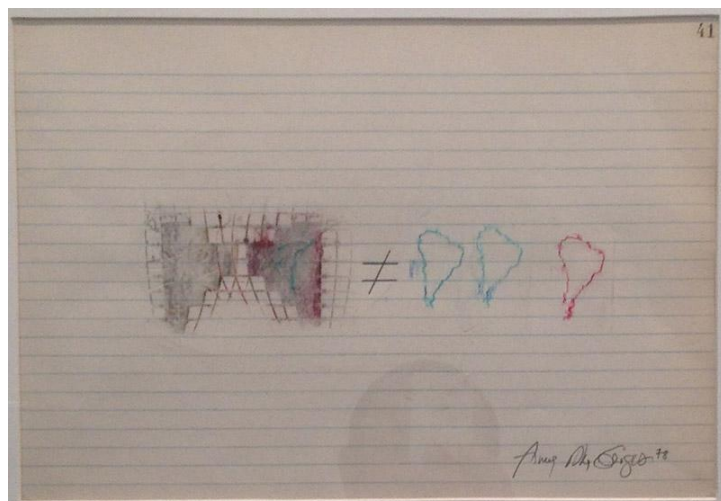
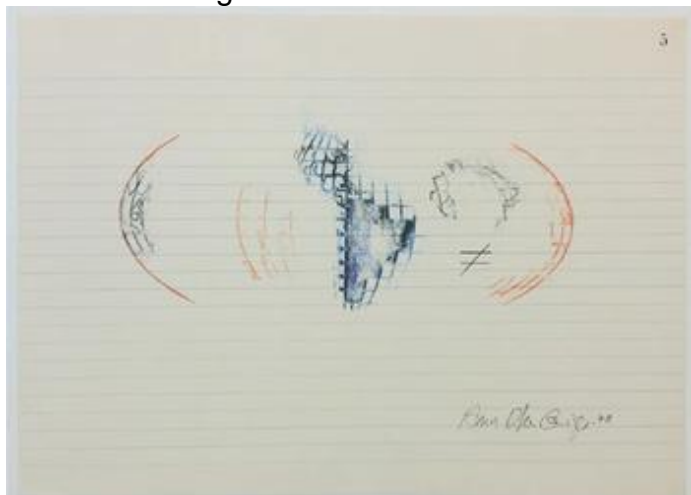
Iniciei meu “laboratório”, como já foi dito, observando as micro-relações e micro-estéticas, para então resgatar, ao longo destes processos, eventos que eu vivi como aluna e vivi/vivo como professora. Passei a observar com muito mais sensibilidade todo este ambiente, desde os seus sons, até as imagens que fazem parte dele; desde as cores, até as conversas e diálogos que neste ambiente circundam, para que este repertório, depois, se manifestasse esteticamente e poeticamente em minha obra. Os materiais elegidos por mim como os mais significativos para exemplificar estas micro-relações e micro-estéticas foram os documentos que circulam dentro destas instituições, que vão desde documentos de cunho burocrático e institucional até aos materiais que alunos recebem e/ou produzem para realizar as tarefas/atividades diárias. Este processo é bastante semelhante ao trabalho do artista Gustavo Sperdião em sua série *Cartaz Ginásial* (2008), em que o artista intervém/viola graficamente, de modo irônico, cartazes com temáticas escolares, e também ao trabalho de Anna Bella Geiger, *Equações Variáveis* (1978), em que a artista se utiliza de materiais escolares para suas produções. Estes dois artistas, de certo modo, também violam o caráter das provas, exercícios, tarefas e materiais escolares, repensando esteticamente, quem sabe, a relevância de certos materiais frente a outros dentro da Arte, pois neste meio, são estabelecidas certas hierarquias que legitimam ou deslegitimam certos materiais frente a outros, violando, deste modo, a liberdade estética do artista.

Gustavo Speridião



Sem título
Serigrafia e nanquim sobre papel
Série: Cartaz Ginásial
2008

Anna Bella Geiger



Equações Variáveis
Frottage, grafite e lápis de cor sobre folha de caderno
22 x 32 cm
1978



Burocracia
Guache e nanquim sobre papel
25,5 x 20 cm
1975

Foram escolhidos e-mails, planilhas, folhas de atividades dos alunos, provas, avaliações e tudo que, fisicamente, pudesse tornar-se suporte para o registro destas violências. Comecei, então, a reunir este material e fazer intervenções neles a partir dos discursos que acontecem nestes espaços, jogando com as imagens, as cores e as formas presentes nestes documentos. Então, uma das preocupações em utilizar estes materiais foi também intervir com elementos que fizessem parte deste ambiente, sendo utilizado pra estas tarefas canetas hidrocor, giz de cera, canetas esferográficas e todos estes materiais que são amplamente utilizados pelos alunos e professores na escola. Os temas das intervenções eram sempre relacionados, como já foi dito, a discursos existentes nestes espaços, tanto partindo de alunos e comunidade escolar quanto de professores e funcionários, assim como situações e discursos que de alguma forma expressassem estas violências. Por conseguinte, são apresentadas no presente texto, as intervenções - em forma de desenhos, pinturas, escritos e recortes nestes documentos -, intercaladas com os casos, que se convertem, todavia, em “monumentos”, talvez se revelando como uma alternância dos conceitos de violência e violação trabalhados nesta obra: os casos ilustram as violências ocorridas dentro destes espaços escolares, e as intervenções como violações que realizo nestes documentos; a escola é violenta e viola o meu corpo e os corpos que nela convivem, como a escola não se materializa, eu materializo ela em seus documentos e respondo estas violências também a violando.

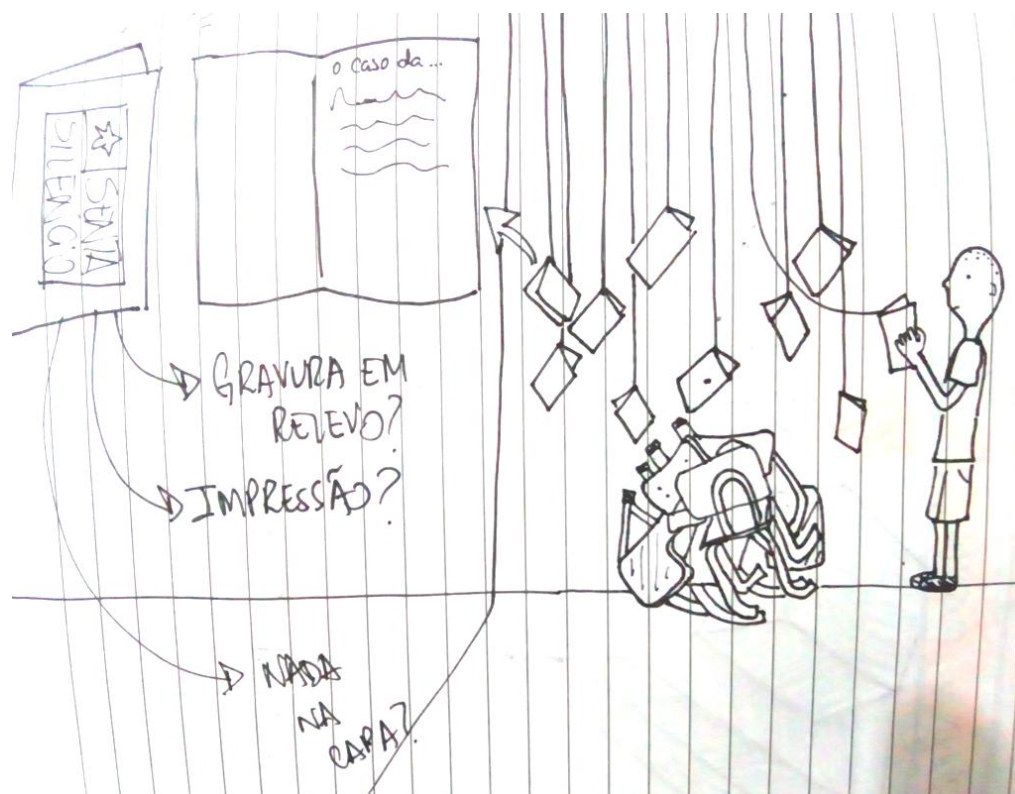
As intervenções e as apropriações de documentos, utilizadas no início do trabalho se fundamentaram, principalmente, no trabalho *Equações Variáveis* de Anna Bella Geiger e Gustavo Sperdião, já demonstrados aqui no texto, e no que diz respeito à temática da obra, a exposição *Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas*, ocorrida no MAR em 2013, com curadoria de Janaina Melo e Paulo Herkenhoff, sendo uma grande fonte de ideias e reflexões acerca do quão agressiva, violenta e torturante é a constituição das instituições de ensino como a maioria de nós conhece e vivencia agora. As obras e os artistas convidados abordam, fazendo jus ao título da exposição, temáticas e materiais que circundam o ambiente escolar, e as relações que ali ocorrem por meio da ideia da escola como jaula ou como asas, em referência ao famoso texto de

Ruben Alves. A escola abordada em meu trabalho é a escola que é jaula, escola que é gaiola, e não a escola que é asa. É a escola que limita e “enjaula” os corpos e a mente de quem as habita; é a escola que eu escolho violar por meio de seus documentos, objetos e discursos, pois ela me viola.

Ao mesmo tempo em que era realizado o levantamento de documentos e a realização das respectivas intervenções, passei a realizar também um levantamento de experiências vividas por mim quando aluna e agora como professora. As experiências vão desde situações ocorridas comigo pessoalmente, até situações ocorridas e relatadas por pessoas do meu círculo de convivência nestes espaços (colegas de escola/faculdade e colegas de trabalho). A ideia inicial era somente fazer uma espécie de “banco de dados” de memórias que servissem como inspiração e motivação para as intervenções, porém os relatos foram tomando aos poucos um papel bastante significativo no desenvolvimento do trabalho, terminando com um espaço muito mais relevante e considerável à medida que iam sendo escritos. Os relatos foram nomeados como “casos”, e mesmo crescendo durante o desenvolvimento do trabalho, foram incluídos no texto do pré-projeto ainda, inicialmente, com o objetivo de ilustrar as minhas vivências e motivações. Nos encontros com minha orientadora e posteriormente na pré-banca, os “casos” foram muito elogiados e me senti motivada a, quem sabe, reservar um espaço mais relevante para eles no trabalho, tendo em vista a força discursiva e criativa que eles poderiam gerar. Foi então que surgiu a ideia de reelaborar o projeto, colocando os casos a protagonizar o trabalho artístico, não só como ilustração e complemento narrativo. O trabalho, que antes iria se comportar como um grande painel, ironicamente se valendo de um aspecto escolar ao usar os materiais mundanos e os documentos interferidos, se projetou agora como uma pequena instalação. Este tipo de trabalho, por um lado, também se comportaria como uma espécie de violação frente aos resultados estéticos esperados num trabalho de Bacharelado, e a opção de mudá-lo se valeu muito a partir desta insegurança causada pelo possível julgamento negativo que este trabalho, organizado daquela forma, resultaria; as mudanças ocorridas ao longo de processo foram tomadas em conta de possível julgamento de um material como precário e não “digno” de artístico. Ou seja, as “violações” ainda ocorrem mesmo dentro de uma instituição de ensino superior, em um curso em

que se pressupõe uma aceitação à experimentação e diferentes expressões, e se exemplificam no próprio processo de construção da obra, sendo, talvez, a instalação e a escolha/mudança dos materiais utilizados, um resultado direto desta violação.

Em relação à instalação e às ambiências, considera-se que elas, em muitos casos, têm um protagonismo muito maior do que as obras bidimensionais, pois possuem como pressuposto uma interação espacial com o público. Na primeira ideia isto não era possível; o público agora é incitado a ler os casos, que estarão pendentes a partir do teto, e se esperando uma identificação com eles. Estes casos foram impressos em papel A4 *canson*, configurados em forma de cartão, onde o título do “caso” se encontra na capa deste cartão, e o texto no corpo dele. A escolha deste papel se deu em razão de uma estética mais aproximada das formalidades exercidas e assumidas dentro da academia, onde este tipo de papel é amplamente utilizado nas disciplinas de desenho, pintura e gravura em razão da sua qualidade e aparência. A fonte e seu tamanho foram eleitas de modo a passar uma ideia ao espectador de sutileza, delicadeza e ironia, contrastando com a brutalidade dos relatos que se encontram nos textos, ao mesmo tempo em que gera certa curiosidade tendo em vista o seu tamanho, que praticamente obriga o espectador a aproximar-se para ler o que está escrito. A ideia da escultura de móveis utilizados para o estudo surge da necessidade que tive de pensar uma instalação que reunisse elementos que fizessem referência às instituições escolares, e o mobiliário apresenta a organização destas instituições e tudo que pressupõe os comportamentos presentes nelas (controle sobre o corpo, o tempo e as ações dos estudantes e funcionários), representados por meio desse emaranhado de móveis que se comportam como ferramentas para a manutenção da disciplina e da ordem dentro desses espaços escolares desde o início da sociedade disciplinar (cuja emergência é datada por Foucault nos meados do século XVIII). Para se pensar esta escultura, foi consultado o artista Lucas Strey, que tendo mais experiência e familiaridade com este tipo de suporte (ferro, madeira, etc), compartilhou comigo conselhos e alternativas materiais para solucionar a escultura.



Crôqui de planejamento da instalação

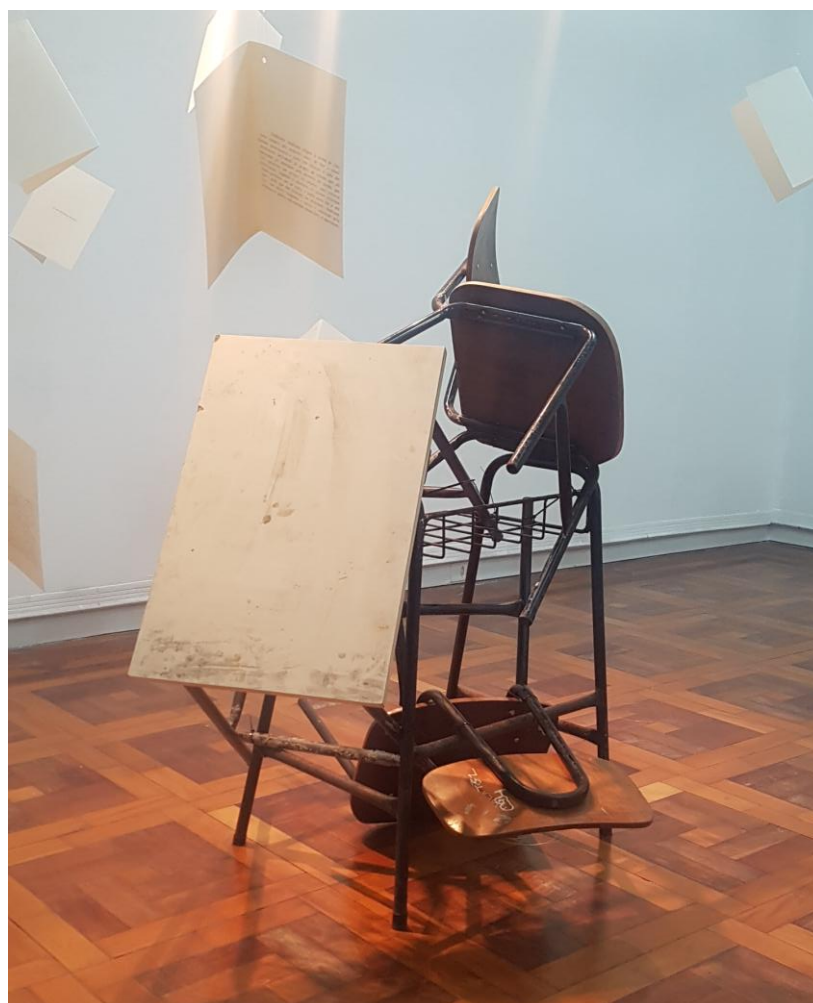
O processo de execução do trabalho iniciou na busca de soluções materiais para o seu desenvolvimento. Foi cogitada, à princípio, a compra dos móveis escolares, posteriormente foi buscada a possibilidade de se conseguir estes materiais na própria universidade, como doação, e por último foi pensado na alternativa de utilizar os móveis das escolas em que eu trabalho, conversando com a direção e conseguindo, desta forma, uma doação destes materiais, e foi o ocorreu. Depois de recolher estes móveis, deu início a organização e planejamento de como estes móveis estariam dispostos. A ideia inicial era de que os móveis fossem retorcidos e enroscados uns aos outros, porém, após conversar com o artista Lucas Strey, foi estabelecido que os móveis seriam apenas enroscados, pois o processo de retorcer os móveis poderiam ocasionar a sua ruptura, tendo em vista a baixa qualidade do ferro utilizado nestes tipos de móveis. Já o processo de impressão e montagem dos “casos” foi bem mais simples, tendo em vista a facilidade de execução dos materiais escolhidos (papel couchê, linhas de nylon, etc.). A montagem foi bastante trabalhosa, tendo em vista a disposição dos casos, que ficaram suspensos do teto, tendo que serem amarrados um a um às estruturas e ganchos disponíveis na pinacoteca. Já a montagem dos móveis foi surpreendentemente simples, só necessitando de fitas lacre para a fixação da forma pretendida.



Instalação Sala de jaula na Pinacoteca Barão de Santo Angelo
Instituto de Artes
Dezembro de 2017



Instalação Sala da jaula na Pinacoteca Barão de Santo Angelo
Instituto de Artes
Dezembro de 2017



Instalação Sala de Jaula na Picanoteca Barão de Santo Angelo
Instituto de Artes
Dezembro de 2017

O trabalho montado se comportou de maneira bastante interessante, tendo inclusive fomentado mais ideias e considerações acerca do tema. As relações entre a jaula/gaiola simbólica representada nos móveis entrelaçados e a ideia dos casos dispostos como objetos ou seres que voavam ao redor deste objeto foram bastante significativos e provocadores. Ficou evidente a relação do processo final com as diferentes referências artísticas das quais eu tive contato a partir deste trabalho, desde a utilização do texto como obra de arte

até o uso de materiais cotidianos – no caso escolares - para se compor esta obra.

Ao final do processo, portanto, observo que mesmo tendo tido a experiência de estudar Letras, dar aulas de Literatura e posteriormente me “afastar” da área e me “encontrar” em outra, sinto agora que graças à experiência que a Literatura e a Arte me proporcionaram, o meu trabalho de conclusão se comportou como uma aliança ou uma reaproximação de meu passado como estudante/docente na área de Letras e meu presente como estudante/docente na área das Artes Visuais; a vida escolar e a carreira profissional; o texto e a escultura; a vida e a Arte; uma poética que nasce junto com a sala de aula do passado e do presente da professora/aluna Carolina.

8. Último período: Referências

CUNHA, Eduardo Leal. *Autoria e esquiva: pensamento, ética e subjetivação em Michel Foucault*. Fractal, Rev. Psicol. Dez 2010, vol.22, no.3, p.481-496.

FERREIRA, Glória. *Elida Tessler: gramática intuitiva*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2013.

FLEURI, Reinaldo. *Rebeldia e democracia na escola*. Rev. Bras. Educ. vol.13 no.39. Rio de Janeiro Sept./Dec. 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 20ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes; 1999.

GROPPIA, Julio. *A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico*. Rev. Bras. Educ. vol.18 no.53 Rio de Janeiro Apr./June 2013.

HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica. *Pedagogia no campo expandido*. Ensaio de Geopoética – 8ª Bienal do Mercosul. Fundação Bienal do Mercosul. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://latinamericanartathunter.org/uploads/Pedagogia_no_campo_expandido_-_8Bienal%20Portuguese.pdf>

ZORDAN, Paola. *Fragmentações, Dilacerações, Diluições*. Rev. Do Difere. Vol. 1, n. 1, jun. /2011.

ZORDAN, Paola. *Movimentos e Matérias da Iniciação à Docência*. Educ. Real. vol.40 no.2 Porto Alegre Apr./June 2015 Epub Mar 20, 2015.

ZORDAN, Paola. *Pela livre vida magisterial*. Revista Alegrar, n. 17, 2016